



GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

DIRETOR EDITORIAL: Jefferson L. Alves

GERENTE DE PRODUÇÃO: Flávio Samuel

ASSISTENTE EDITORIAL: Ana Cristina Teixeira

REVISÃO: Ana Cristina Teixeira

CAPA: Sergio Kon

NOSSA ESCOLA PESQUISA SUA OPINIÃO

# DIÁRIO DE PESQUISA



NOSSA ESCOLA  
**PESQUISA**  
SUA OPINIÃO

INSTITUTO  
PAULO MONTENEGRO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



Ação Educativa

global  
Educação

© Copyright 2004 by Instituto Paulo Montenegro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Alves, Januária

Nossa escola pesquisa sua opinião : diário de pesquisa /  
Januária Alves ; coordenação geral Fabio Montenegro ;  
coordenação pedagógica Marilse Araújo. — São Paulo : Global,  
2004.

ISBN 85-260-0916-8

1. Pesquisa educacional I. Montenegro, Fabio. II. Araújo,  
Marilse. III. Título

04-0933

CDD-370.723

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa de opinião : Educação 370.723

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO

Al. Santos, 2101, 8º andar  
01419-002 São Paulo SP  
tel.: (11) 3066-1758  
ipm@ibope.com.br  
www.ipm.org.br

Direitos reservados a

GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

R. Pirapitingüi, 111, Liberdade  
01508-020 São Paulo SP  
tel.: (11) 3277-7999 fax: (11) 3277-8141  
global@gloaleditora.com.br  
gloaleditora.com.br



Colabore com a produção científica cultural.  
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem a autorização do editor.  
nº de catálogo: 2523

**Realização:** Instituto Paulo Montenegro  
**Coordenação Geral:** Fabio Montenegro  
**Coordenação Pedagógica:** Ação Educativa: Marilse Araújo

## DIÁRIO DE PESQUISA

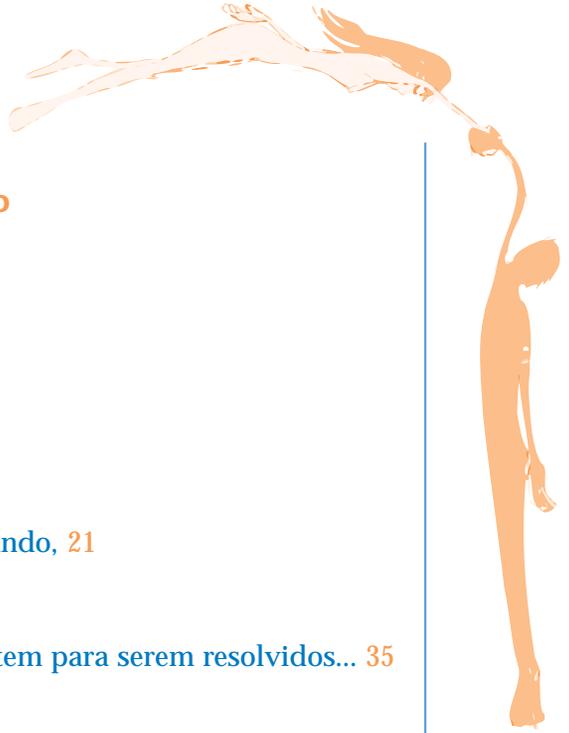
**Autora:** Januária Alves  
**Edição de Arte:** Sergio Kon  
**Revisores:** Ana Lucia Lima, Carmen Zeli, Katia Ricardo,  
Márcia Cavallari, Maria Conceição Ferreira Reis Fonseca,  
Maria José Ferreira da Mota, Nilda Stecanela,  
Nilton Bueno Fischer, Patricia Kalil, Regina Oshiro,  
Rogério Barata, Vera Marchesi e Vera Masagão.  
**Revisão Final:** Ana Cristina Teixeira  
**Ilustrações:** Sergio Kon

## PROGRAMA NOSSA ESCOLA PESQUISA SUA OPINIÃO

Promove o uso pedagógico da pesquisa de opinião pelas escolas da rede pública.

**Coordenação Geral:** Instituto Fabio Montenegro  
Fabio Montenegro: ipm@ibope.com.br  
**Coordenação Nacional:** ONG Ação Educativa  
Marilse Araújo: marilse@acaoeducativa.org  
São Paulo: ONG Ação Educativa  
Marilse Araújo: marilse@acaoeducativa.org  
Mauá/SP: Secret. de Educação do Município de Mauá/  
Ação Educativa  
Marilse Araújo: nepso@acaoeducativa.org  
Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais  
Maria Conceição F. Reis Fonseca: mcfrfon@net.em.com.br  
Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande  
Sul e Universidade Caxias do Sul  
Nilda Stecanela: polo.rs.nepso@terra.com.br  
Pernambuco: Centro de Cultura Luiz Freire  
Maria Elizabete Ramos - liz@cclf.org.br  
**Internet:** Instituto Paulo Montenegro: www.ipm.org.br





## Sumário

### Capítulo 1:

Pesquisar para aprender, 9

### Capítulo 2:

Pesquisar se aprende pesquisando, 21

### Capítulo 3:

Dificuldades e problemas existem para serem resolvidos... 35

### Capítulo 4:

A resposta certa está na pergunta certa... 45

### Capítulo 5:

Saindo a campo para buscar as respostas, 59

### Capítulo 6:

As coisas não estão prontas, há trabalho a ser feito!, 67

### Capítulo 7:

Terminar para... começar! 73

Sites de Interesse, 83







## Capítulo 1:

### Pesquisar para aprender

**PESQUISAR.** Buscar com diligência; inquirir; investigar; informar-se a respeito de; esquadrinhar.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

A nossa escola fica no lugar mais alto do bairro. Dá até para ver os carros passando lá embaixo, pequenininhos, sempre correndo. É uma escola estadual, que tem ensino fundamental durante o dia e Educação para Jovens Adultos, a EJA, à noite. A maioria das crianças e jovens que mora no bairro estuda aqui e, talvez por isso, a gente considere esta escola como sendo nossa casa também. A gente gosta bastante dela...

Eu me chamo Paula, tenho 14 anos, estou na oitava série e gosto muito de ler e escrever. De matemática e geografia (de matemática menos ainda!) não gosto nada, mas me agradam as histórias que a história conta e também as aulas de teatro. De verdade, penso que um dia serei atriz! Minha melhor amiga chama-se Lurdinha e ela, ao contrário de mim, detesta as aulas





de teatro porque é tímida e sempre que tem de falar um tantinho mais alto fica vermelha feito um pimentão! Eu disse a ela que esse jeito dela vai mudar se ela se esforçar um pouco e se soltar, mas acho que não adianta muito: quando fica muito nervosa ela engasga e... fica gaga!

Bom, eu e Lurdinha estamos preocupadas com a situação da escola: com poucas verbas – eu sei disso direitinho porque a minha mãe trabalha na secretaria da escola – temos sentido falta de muita coisa. Desde a merenda que tem estado mais fraca até o material para o laboratório de informática (às vezes falta até papel para a impressora). E isso tem deixado muita gente desanimada... Tanto alunos como pais, professores, todo mundo só reclama da escola!

Semana passada, o professor de teatro disse que iria dedicar a aula à discussão destas questões. Ele disse que era preciso abrir espaço para a gente poder falar sobre o que está sentindo: o clima na escola está muito ruim e a turma da gente, em especial, muito desanimada. Tem bastante gente com possibilidade de repetir o ano e ninguém nem quer saber de falar em festa de despedida, formatura de oitava série, essas coisas que todo mundo se anima em fazer quando acaba este ciclo. Como disse a Lurdinha: “a coisa tá preta!”. Quando o professor Renato entrou na sala, quase ninguém escutava ninguém: éramos quarenta vozes falando ao mesmo tempo. Mas isso nunca havia sido um problema para ele. Como sempre, sentou em cima da mesa e aguardou. É que ele sabia que, naturalmente, a gente iria querer saber qual era a surpresa do dia e, para isso, tínhamos que calar a boca. As aulas do Renato são assim mesmo: uma surpresa por dia.



— Bom dia, pessoal. Que bom que vocês resolveram parar de falar logo, assim a gente ganha tempo. Hoje temos um assunto importante para tratar: a situação geral da nossa escola. E eu queria aproveitar e chamar aqui um grande amigo meu, também professor, que dá aulas de matemática numa escola do outro lado da cidade. Daqui a pouco eu vou explicar porque o convidei para vir aqui hoje. Pode entrar, Felipe.

O amigo do professor Renato também era jovem, como ele. Muito simpático, foi logo se apresentando e dizendo que era um prazer estar ali “pra gente trocar idéias”.

— É o seguinte, pessoal – disse o professor Renato, indo direto ao ponto. O Felipe está trabalhando com um projeto que achei superlegal e que eu gostaria que ele contasse pra vocês. Depois, faço a ponte e digo o que uma coisa tem a ver com a outra. Fala, Felipão!

A turma toda mal se agüentava de curiosidade, porque, na verdade, a gente não estava entendendo nada. Aí o Felipão – a gente logo quis chamá-lo assim também – começou a falar do projeto que estavam desenvolvendo na escola dele, que incentivava o uso da pesquisa de opinião na escola, em todas as disciplinas, de qualquer série. Muito interessante...

**OPINIÃO.** Modo de ver, de pensar, de deliberar. Parecer, conceito, juízo, reputação.

Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.





— Eu estou desenvolvendo este projeto com dois primeiros anos e a gente resolveu, por meio dele, tentar ajudar a resolver a questão do córrego poluído que fica junto à nossa escola. Como este problema incomodava a todos e ninguém sabia direito como solucioná-lo, a gente resolveu, a partir de uma pesquisa de opinião envolvendo a escola e o bairro, tentar encontrar alguns caminhos. E está sendo superlegal!

— Pois é, Felipão. Era um pouco desta experiência que eu gostaria que você contasse pra esta oitava série, emendou o professor Renato.

O pessoal se alvoroçou, porque começou a entender onde o professor Renato queria chegar. Foi preciso que ele falasse num tom mais alto para a gente se concentrar novamente e ouvir o Felipão contar sua história.

— O projeto de que estou participando quer que todas as escolas brasileiras conheçam o que é a pesquisa opinião e, assim, possam trabalhar com este recurso em suas aulas. Eu fiz uma oficina com alguns educadores ligados ao projeto e ganhei um manual, no qual me baseei para orientar os meus alunos.

— Em que pé do trabalho vocês estão agora, Felipão? – quis saber o Luís, nosso colega mais velho.

— Estamos na fase de tabular os resultados, que é superinteressante pra mim, porque estamos trabalhando direto com a área de matemática, e, por meio da pesquisa, estou ajudando a construir alguns conceitos que, de outra forma, seria muito mais complicado de ser feito...



— Mas peraí: o negócio é pesquisar para saber como resolver a questão do córrego, ou para aprender matemática? – quis saber Joana, a mais curiosa da turma.

**TABULAR.** Dispor dados em formato de colunas.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

— As duas coisas, eu acho. Estou certo, Felipão? – perguntou o professor Renato. Até porque, Joana, quando a gente trabalha num projeto a gente nunca quer saber uma coisa só, mas quer aprender várias, resolver muitas questões. E a pesquisa, nesse sentido, nos ajuda bastante, porque a gente acaba usando um monte de habilidades, como consultar livros, revistas, jornais, fazer resumos, hierarquizar informações, analisar dados, conhecer universos e opiniões diferentes, que nem imaginamos que existem! Além de, é claro, aprender alguns conceitos sobre o assunto que se está pesquisando.

**PROJETO.** Idéia que se forma de executar ou realizar algo, no futuro; plano, intento, desígnio. Empreendimento a ser realizado de determinado esquema.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*





— Ou seja, professor Renato, pesquisa é melhor que Bombril: tem mil e uma utilidades! – disse eu, sorrindo.

Para explicar melhor como tinha sido o projeto, o professor Felipão exibiu alguns cartazes contendo várias frases dos alunos sobre como estava sendo participar do projeto. Muito legal! Deu para sacar como o pessoal se sentiu em relação ao trabalho e foi tendo a sensação de que aquilo não era um bicho-de-sete-cabeças, por exemplo. Sim, porque é superimportante eu dizer que a turma da gente é um pouco assim: tudo que a gente não sabe, olha com desconfiança, acha um saco, difícil, essas coisas! Ainda mais se vem de alguém que a gente nunca viu, que parece estar tentando nos convencer de alguma coisa...

Foi bárbaro ver frases que poderiam ter sido ditas por nós mesmos, do tipo:

*“Tivemos a oportunidade de expressar nossa opinião de um modo que todos possam nos entender e compreender.”*

*“A pesquisa dos primeiros anos foi muito importante e muito legal, porque nós expressamos o que achamos deste assunto...”*

*“No começo fiquei nervosa, mas depois fiquei calma e até gostei da experiência. Gostaria até de repetir. A partir daí, a gente vai aprendendo a lidar com as emoções, com diferentes pessoas que nos rodeiam. E a entrevista foi muito interessante, porque é importante procurar saber com as pessoas o que elas acham sobre tudo que nos rodeia.”*



Quase sem querer, fui achando o assunto cada vez mais interessante...

Enquanto Felipão mostrava os cartazes, o professor Renato, que não perdia um minuto, foi colocando no quadro negro as fases necessárias para se realizar uma pesquisa de opinião. E eu fui copiando.

*FASES DA PESQUISA:*

- > definir o tema;*
- > construir ou definir o problema;*
- > identificar a população e definir a amostra;*
- > elaborar o questionário;*
- > planejar e executar o trabalho de campo;*
- > tabular e processar os dados;*
- > analisar, interpretar e*
- > apresentar os resultados.*

No final da exposição do projeto do Felipão, todo mundo aplaudiu. E vimos o orgulho do professor: além de estar conseguindo ensinar matemática para os seus alunos, ele estava ensinando outras coisas superimportantes para a vida deles. E mais: a solução para um problema complicadíssimo para muitas e muitas pessoas poderia estar ali, ao alcance de todos, e ninguém tinha pensado nisso antes. As frases mostravam isso: um monte de gente feliz por participar, atuar, poder resolver problemas. Era muito ruim estar como a gente naquele momento: paralisados, sem idéias, sem saber o que fazer para melhorar esta escola que a gente tanto gosta...





Bom, daí não é nada difícil imaginar que o professor Renato fez um resumo para o Felipão do que estava rolando na nossa escola. E de como ele estava percebendo as coisas: a gente desanimado, a direção também, todo mundo jogando a culpa no outro, sem conseguir se mobilizar para tentar pensar de outro jeito, para resolver a situação. Por isso ele tinha pensado que uma maneira possível – e muito legal, diga-se de passagem – de sacudir a moçada seria fazer uma pesquisa de opinião.

**DISCUSSÃO.** Ação de discutir; debate; controvérsia; polêmica; contenda; disputa.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

E aí a ponte se estabeleceu: que tal a gente – se a gente topasse encarar uma pesquisa de opinião, é claro – e as turmas do professor Felipão trocarmos figurinhas? Era esta a idéia do professor Renato. Afinal de contas, não era muito comum escolas diferentes poderem se encontrar, trocar idéias e projetos, o que era algo muito positivo. A gente poderia aproveitar esta oportunidade e trabalhar juntos!

— Pô, Renato, genial! – eu logo falei, dando força pra idéia. Sem querer, fui anotando tudo: — Então, a partir de agora, conte comigo pra registrar, tim-tim por tim-tim, o que vai rolar neste projeto! Vai ser muito, muito legal!



— E quem falou que vai rolar, garota? – perguntou o Zezão, que é o “do contra” da turma.

— É isso mesmo, Zezão. Calma, Paula. De fato, eu só trouxe o Felipão aqui pra mostrar a vocês que há várias saídas possíveis para os problemas da escola e que pode ser um bom começo a gente bolar uma pesquisa de opinião pra saber o que todo mundo acha – esclareceu o professor Renato.

— Ô Renato, mas pra quem não via luz no fim do túnel esta é a melhor idéia que poderia haver! – emendou Joana.

— Também acho, Jô – disse o professor Renato. Mas acho também que, pro projeto dar certo, é preciso que todos conheçam direito o que está sendo proposto, que concordem com a idéia e o mais importante: que saibam direitinho o que querem desta pesquisa e onde querem chegar com ela...

— Irado, Renatão! – entrou o Luís. É claro que todo mundo sabe onde quer chegar com esta pesquisa! A gente quer saber o que fazer, como, quando, *et cetera* e tal para resolver os problemas desta escola, certo? Tudo bem, a gente não sabe, mas, junto com os professores, diretores, o povo do bairro e até o pessoal da turma do Felipão que, ao que parece, já tá ficando craque em pesquisa, a gente pode descobrir, certo?

— Certo, sabidão! Mas diga aqui, cara, e se, no final, a gente fizer uma baita d’uma pesquisa e não der em nada? Quer dizer, se a tal pesquisa não trazer novidade nenhuma, se as pessoas falarem o que todo mundo já sabe, sacou? Pra mim, o





negócio é agir, cara! Tem que botar o bloco na rua, entendeu? Ação! – esse era o Zezão dando sua opinião...

— Tudo bem, Zezão. Pode ser mesmo que a pesquisa não traga nenhum dado novo, ou ainda uma questão que nós já saibamos ou nem tenhamos discutido. Porém, é importante, então, a gente discutir o porquê de, mesmo sabendo o que tem de ser feito para melhorar a escola, a gente não faz... – disse o professor Renato, fechando a questão.

Por um segundo todo mundo ficou mudo e atrapalhado com a fala do professor Renato. Ele era assim mesmo: perguntava umas coisas que deixava a gente tonto... Era dele a frase: “É mais importante fazer perguntas do que obter as respostas. As perguntas nos inquietam, nos movem, nos impulsionam. As respostas... podem nos acomodar”. É isso aí, Renato, matou a pau, pensei eu.

Com tanta conversa e informação nova, o tempo da aula de teatro estava acabando. O Felipão foi quem conseguiu colocar um ponto final na discussão que, do jeito que ia, não acabaria nunca:

— Olha aqui, pessoal. Eu vou dar uma sugestão para vocês: não decidam agora se querem ou não fazer a pesquisa. Pensem, conversem com os colegas, com os outros professores, com seus familiares. Façam a sua própria pesquisa antes de decidirem por um projeto comum. Vocês vão ver que, para uma idéia tomar corpo, ela tem que dormir e acordar com a gente muitas e muitas vezes. E, contem comigo e com os meus primeiros anos, pois a gente vai adorar compartilhar este projeto com vocês!



**SUGESTÃO.** Ato ou efeito de sugerir.

Estímulo, instigação. Proposta, parecer, alvitre.

Fonte: *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

— Obrigada, Felipão! A gente já aprendeu muito com você aqui, hoje. E, pra encerrar a aula, eu trouxe uma música, a qual eu gosto muito, cuja letra queria que vocês prestassem bastante atenção e ficassem com esta mensagem no coração... Semana que vem a gente retoma tudo... Escutem só...

O som invadiu a sala de aula e a gente nem acreditou quando ouviu a voz do Renato Russo... Era o Legião Urbana cantando *Mais uma vez*... Este professor Renato...



## Mais Uma Vez

(Flávio Venturini - Renato Russo)

Mas é claro que o sol  
Vai voltar amanhã  
Mais uma vez, eu sei  
Escuridão já vi pior  
De endoidecer gente sã  
Espera que o sol já vem  
Tem gente que está do mesmo lado que você  
Mas deveria estar do lado de lá  
Tem gente que machuca os outros  
Tem gente que não sabe amar  
Tem gente enganando a gente  
Veja nossa vida como está  
Mas eu sei que um dia a gente aprende  
Se você quiser alguém em quem confiar  
Confie em si mesmo  
Quem acredita sempre alcança  
Mas é claro que o sol...  
Nunca deixe que lhe digam  
Que não vale a pena  
Acreditar no sonho que se tem  
Ou que seus planos nunca vão dar certo  
Ou que você nunca vai ser alguém  
Tem gente que machuca os outros  
Tem gente que não sabe amar  
Mas eu sei que um dia a gente aprende...



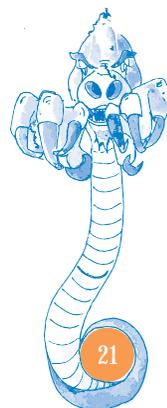
## Capítulo 2:

### Pesquisar se aprende pesquisando

Foi duro assistir ao restante das aulas depois da saída do professor Renato. A turma ficou muito agitada. Era muita coisa para pensar... Mal podíamos esperar pela semana seguinte para ver o que é que ia dar...

Eu e Lurdinha começamos uma campanha em defesa da pesquisa de opinião. Para variar, o Zezão fez pressão contra. Jô ficou do nosso lado. E o Luís ainda não sabia direito o que pensar. Passamos a semana travando altos bate-bocas nos intervalos e no recreio. Uma vez, até a coordenadora pedagógica interveio, porque fizemos uma barulheira que atrapalhou as aulas das turmas do segundo andar. Mas eu e a Lurdinha estávamos esperançosas: tinha mais gente a fim de fazer o trabalho do que o contrário. Porém, só na aula do professor Renato saberíamos a resposta.

*“E no meio do inverno eu descobri que dentro de mim havia um verão invencível”.*





frase de um autor francês, Albert Camus (se pronuncia “Cami”) que a professora de português, dona Lígia, pôs no quadro. Acho que ela está a favor da causa da pesquisa, pensei. Copiei a frase. Estava fazendo um diário sobre este caso da pesquisa. Se tudo desse certo, seria como um “Diário de Bordo”, onde tudo o que aconteceu ficaria registrado. Um dia, a escola poderia contar esta história para os alunos novos. Quem sabe, a turma da gente ficaria famosa, ganharia até placa, por ter sido a turma que ajudou a escola a dar a sua “virada”...

O professor Renato era mesmo fantástico! Foi inacreditável como ele chegou, naquele dia “D”, na maior calma possível e, em quarenta e cinco minutos de aula, deu conta do recado e resolveu nosso dilema da semana. Sem muita conversa, expôs um grande cartaz que explicava, direitinho, os porquês de se fazer uma pesquisa de opinião:

- > *para investigar a existência ou dimensão de um problema;*
- > *para avaliar alguma coisa (uma ação, uma instituição, um produto etc.);*
- > *para confirmar a continuidade de uma ação que já está em andamento;*
- > *para compreender a visão que as pessoas têm de um fato ou de alguma ação em curso;*
- > *para refletir sobre como agir, como mudar, como superar, ou como reafirmar as posições ou caminhos já escolhidos.*

— Pessoal, é isso aí. Neste cartaz, vocês têm algumas razões importantes para realizar uma pesquisa de opinião. Observem com atenção: vocês acham que uma pesquisa de



opinião ajudaria a localizarmos melhor e até a resolvermos os problemas de nossa escola? – ele perguntou, com sua voz firme.

**PERGUNTAR.** Fazer pergunta(s) a; inquirir; interrogar; propor uma questão; indagar; investigar; pedir ou buscar esclarecimentos.

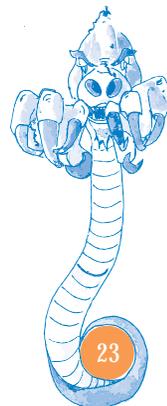
*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

Por incrível que pareça, a turma fez um silêncio de ouvir zumbido de mosca.

— Oitava série, a resposta é bem simples: quem acha que SIM, levanta a mão, quem acha o contrário, fica de mão abaixada. Básico. Tudo bem? – a gente quase viu um sorriso maroto no rosto do professor Renato.

Devagar, o pessoal foi levantando a mão. Meu coração parecia que ia disparar. Não sei por que fiquei tão empolgada com esta votação! Acho que era porque, a partir daquele momento, eu estava botando a maior fé nesta tal pesquisa. A nossa escola tinha jeito, eu pensava, enquanto via que a maioria votava a favor da pesquisa.

— Vocês são mesmo um bando de bobos! Vai dar um trabalhão dos diabos fazer isso e ninguém garante um resultado decente! Ou melhor, um resultado! Sim, porque tá cheio de pesquisa que não dá resultado nenhum por aí! – disse o nosso estraga-prazeres-de-plantão, o Zezão.





— Ô Zezão, regra número um: a maioria vence. Número dois: quem perde tem que respeitar a opinião da maioria. Infelizmente pra você, o pessoal tá muito a fim de fazer uma pesquisa de opinião. E eu não vou perder muito tempo discutindo com você, não. Temos muito trabalho a fazer, pessoal – professor Renato era assim: fatal. Cortou o Zezão na hora. Que coisa mais baixo-astral!

— Mas tem uma coisa que eu queria perguntar, professor Renato, interrompeu Luís.

— Diga lá, Luís.

— Aqui nós já estamos começando a pesquisa com um tema definido. Todo mundo concorda que saber mais sobre a escola é o que estamos precisando no momento. Mas, se não fosse este o caso, poderíamos fazer uma votação para escolher o tema da pesquisa, não poderíamos?

— Claro, Luís. O Felipão contou que, conversando com outros professores na oficina que ele fez para poder montar o seu projeto de pesquisa, ele percebeu que, na maioria das escolas, a escolha do tema de pesquisa é feita com muito cuidado e atenção. Às vezes leva meses até que todos discutam e cheguem a um consenso sobre O QUÊ deve ser pesquisado. No nosso caso, eu não vejo necessidade de maiores discussões, uma vez que, como você disse, todos concordaram sobre o tema e também sobre a necessidade de fazermos a pesquisa. Vamos à luta então, pessoal? – encerrou Renato, com muita sabedoria. Senão, o “interrogatório” não iria acabar nunca!

Mais rápido do que eu imaginei, ficou tudo combinado: na semana seguinte a gente iria à escola do Felipão ouvir os

primeiros anos dele e colher o maior número de informações possível para começar a nossa pesquisa. Já que era para começar, que fosse logo!

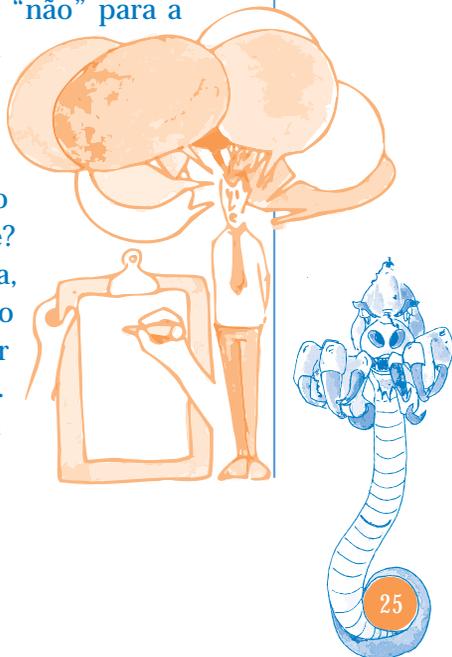
Mas não fiquem pensando que a semana seguinte à votação foi tranqüila. Não. A maioria queria fazer a pesquisa, mas foi difícil lidar com quem tinha votado contra. Até a tímida Lurdinha já se declarava um pouco arrependida:

— Ai, Paulinha... Já pensou: vou morrer quando tiver que entrevistar alguém! Se eu nem sei falar direito, imagina ficar fazendo perguntas! E o que é pior, se eu levar um sonoro “não” pela cara, o que vou fazer? Sim, porque tem gente que não responde pesquisas, minha filha!

— Calma, Lurdinha, calma. Você já pensou que fazer a pesquisa pode ser algo muito legal pra ajudar a melhorar sua timidez? É, minha amiga. Se você levar um “não”, minha filha, não será nada pessoal, entende? Será um “não” para a proposta de fazer a pesquisa, percebe? Vai ser um treino e tanto!

— Eu sei, Paula. Minha mãe sempre fala que “quem não arrisca não petisca”, e se eu não aprender a levar uns “nãos”, como é que vou saber se vou levar uns “sins”, né?

— Bom, Lurdinha. Não fica ansiosa, não. Se você não quiser ir a campo entrevistar as pessoas, você pode fazer outras coisas pra colaborar com a pesquisa. De verdade, amiga, eu sei que ser tímida não é fácil e nem é algo tão simples de





resolver assim! Eu só quis te dar uma forcinha pra você ir tentando superar seus limites, sabe? Mas fique fria, todo mundo vai entrar nesta pesquisa, tem muito pra se fazer, você não viu?

— Obrigada, Paula. Também gostaria de ser diferente, mas... – ela suspirou, pensativa... Vamos lá, então, que o sinal já tocou, tá na hora de voltar pra classe!

E, assim como a Lurdinha, tinha muita gente com medo, com preguiça e mil motivos para não tocar a pesquisa para frente. Parece que mudar uma situação é algo muito complicado. Fico pensando que, se não é um grupo que realmente quer a coisa, é mais fácil desistir. Mudar uma situação dá trabalho mesmo. O que as pessoas esquecem é que pode ser muito gostoso comemorar a vitória depois...

A escola do professor Felipão era bastante parecida com a nossa. Diferença: estava mais bem-cuidada. O problema do córrego era mais evidente: os arredores cheiravam mal e os professores, na maioria das vezes, davam aula de portas e janelas fechadas. Ventiladores ligados salvavam o pessoal do sufoco total. Mas eles, como nós, tinham um problemão para resolver. Tipo de sobrevivência mesmo.

Felipão fez questão de nos acomodar na melhor sala da escola e os alunos dos primeiros anos, logo de cara, foram simpáticos. O quadro negro já estava pronto com algumas anotações superlegais a respeito de como se deve focar o tema da pesquisa. O que perguntar para encontrar direitinho o que se quer saber, entende?



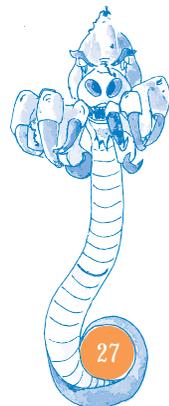
- > *O QUE QUEREMOS SABER?*
- > *O QUE JÁ SABEMOS SOBRE O ASSUNTO, SEJA EM TERMOS LOCAIS, SEJA EM TERMOS DE REFERÊNCIAS MAIS AMPLAS?*
- > *QUE TIPO DE DÚVIDAS PRETENDEMOS ESCLARECER COM A REALIZAÇÃO DESSA PESQUISA?*
- > *QUAIS SÃO OS VÁRIOS ASPECTOS DO ASSUNTO OU OS SUBTEMAS RELACIONADOS AO TEMA PRINCIPAL?*
- > *O QUE FAREMOS COM OS RESULTADOS?*
- > *PARA QUEM VAMOS DIVULGÁ-LOS?*

**DIVULGAR.** Tornar público ou notório; publicar; propagar; difundir.

Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

— Pessoal, estamos muito contentes com a participação de vocês. Contar pra vocês como está sendo fazer esta pesquisa vai ser irado! – disse um aluno da turma, alto e simpático, que depois soubemos se chamar Marcelo.

— Pra gente também, cara, está sendo uma aventura! Temos muitas dúvidas sobre a pesquisa, mas estamos muito a





fim de levá-la adiante! – disse eu, entusiasmada, sempre anotando tudo no meu “Diário de Bordo”.

— Pô, legal. Então a gente quer começar a falar do tema, sabe? Por mais que vocês já tenham sacado qual é o problema que vocês precisam resolver, é sempre bom pesquisar o assunto, fazer muitas perguntas sobre ele... – disse Marcelo, olhando para o Felipão, dando a “deixa” pra ele completar.

— É isso mesmo, pessoal. Não basta escolher um assunto a ser estudado, é preciso explorá-lo, conhecê-lo e elaborar hipóteses que o expliquem previamente. Esses questionamentos que listamos no quadro negro, por exemplo, evitam problemas futuros como perda de tempo, desperdício de recursos, desmotivação... Por isso, é fundamental que, antes de começar a elaborar a pesquisa, vocês busquem o máximo de informações sobre o assunto – conversas com especialistas, consulta a livros, jornais, revistas, internet, anuários estatísticos, etc. Vocês vão descobrir que há muito pra se saber sobre a questão...

**HIPÓTESE.** Suposição, conjectura. Suposição

que orienta uma investigação por antecipar características prováveis do objeto investigado e que vale quer pela confirmação dessas características, quer pelo encontro de novos caminhos de investigação.

Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.





— No nosso caso, pessoal, penso que uma pesquisa sobre administração escolar, problemas enfrentados pelas escolas brasileiras, e por aí vai, não vai ser difícil de fazer, não. Muito já se falou deste assunto por aí... – complementou o professor Renato.

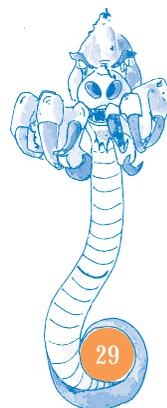
— Eu sei que até as secretarias de educação costumam ajudar, nestes casos – informou uma aluna do Felipão, que usava óculos para miopia.

— Olha, pessoal, eu queria dizer que, pra mim, fazer pesquisa de opinião foi diferente porque eu tive de conversar com gente que eu nunca tinha visto, uma experiência que eu nunca tinha imaginado que pudesse ser legal... O que eu achei mais legal foi o entusiasmo dos entrevistados e o mais chato foi ter ficado com um pouco de vergonha nas entrevistas. Mas o mais interessante foi que eu me senti importante, como se fosse uma repórter! – acrescentou outra garota baixinha, meio atrapalhada, ficando vermelha, como a Lurdinha.

— Putz! Pra mim fazer pesquisa de opinião foi tudo de bom, porque eu acabei com a minha timidez... Quer dizer, não totalmente, mas já foi alguma coisa para quem era muito tímida! – emendou outra menina, parecendo mandar recado pra Lurdinha.

E por aí foi. Todo mundo queria falar um pouco sobre a experiência. Não demorou muito e já estava aquela “feira”, difícil de organizar para todos poderem se entender!

— Pessoal! A proposta é TROCA de experiências, certo? E não troca de bagunças! Vamos ouvir o Felipão? Acho que ele tem algo bem interessante pra colocar agora... – para variar, este era o professor Renato e sua lógica inconfundível.





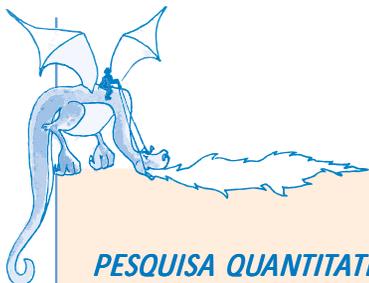
— Enfim, colocado o problema, achei interessante explicar pra vocês os conceitos de pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa. Esta é uma escolha superimportante para a pesquisa “vingar”, – enfatizou Felipão enquanto mostrava dois cartazes com as definições dos tipos de pesquisas:

### **PESQUISA QUALITATIVA:**

*tem caráter de aprofundamento: estimula os entrevistados a pensar e falar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. O entrevistado conta suas experiências de forma espontânea.*

#### *PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:*

- > *número de entrevistados reduzido;*
- > *inexistência de projeção do resultado obtido para a população como um todo;*
- > *informações colhidas por meio de entrevista;*
- > *gravação de depoimentos dos entrevistados para análise posterior;*
- > *realização de entrevistas em profundidade ou discussões em grupos em local preparado e com horário marcado;*
- > *elaboração de relatório final, destacando panorama geral e opiniões ou frases mais relevantes;*
- > *O IMPORTANTE É O QUE SE FALA SOBRE O TEMA.*

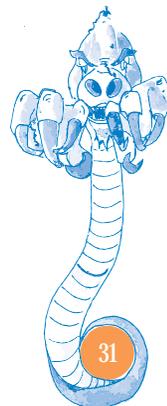


### **PESQUISA QUANTITATIVA:**

*é mais adequada para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utiliza instrumentos padronizados (questionários). É utilizada quando se sabe exatamente o que deve ser perguntado para atingir os objetivos da pesquisa. Ela testa, de forma numericamente precisa, as hipóteses levantadas para a pesquisa e fornece resultados que podem ser comparados com outros.*

#### *PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:*

- > número maior de entrevistados e de resultados, que podem ser projetados para toda a população;*
- > coleta de informações a partir de questionário com perguntas claras e objetivas;*
- > definição prévia de critérios para as pessoas entrevistadas (sexo, idade, escolaridade, nível social etc.);*
- > abordagem das pessoas podem ser em qualquer lugar;*
- > aplicação individual do questionário;*
- > relatório traz interpretações, conclusões, tabelas de percentuais e gráficos;*
- > O IMPORTANTE É QUANTAS VEZES A MESMA OPINIÃO É FALADA.*





Assim que o pessoal terminava de ler, o zum-zum-zum ia aumentando. Deu para ouvir o Zezão falando, em alto e bom som:

— Eu não disse? Olhai o tamanho da encrenca! É mole ou quer mais? Vocês acham que uma simples oitava seriezinha vai dar conta de fazer pesquisa, meu povo? Eu não sei o que é que eu vim fazer aqui...

— Calma aí, cara. O Felipão só apresentou os conceitos, Zezão. Isso ele tem de fazer, pois é professor. Agora tu não quer esperar ele explicar, cara! É muito fácil! – respondeu Marcelo, um pouco irritado com o jeito autoritário e pessimista do Zezão.

— Obrigado, Marcelo. É isso mesmo, Zezão. Os conceitos são detalhados, mas, em resumo, as duas pesquisas são possíveis de serem feitas por qualquer aluno do ensino fundamental, médio e da universidade. Não tem mistério. Afinal de contas, se você já se esqueceu, a gente pesquisa o tempo todo. Fazemos perguntas, buscamos respostas, a nossa vida inteira... – ponderou o professor Felipe.

— Claro, Felipão. Por isso, seria importante que o Zezão prestasse atenção aos dois destaques que você fez nos cartazes. Eles resumem a questão das pesquisas e ilustram bem o que se pode esperar de uma e de outra. Vejam lá: Qualitativa: “o importante é o que se fala sobre o tema”. Quantitativa: “o importante é quantas vezes a mesma opinião é falada” – completou o professor Renato.

— Ou seja, para cada tipo de assunto, um tipo de pesquisa! – concluí eu, animadíssima!



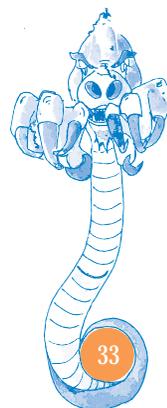
— Sem falar que a pesquisa quantitativa serve para assuntos que exijam uma maior precisão numérica no resultado final, como é o caso da nossa, eu acho! – disse Jô, pensando lá na frente. Acho que no nosso caso o que parece mais interessante então é uma pesquisa do tipo quantitativa, já que o que queremos é ter uma noção de como se distribuem as opiniões a respeito da escola e se elas são diferentes entre os vários tipos de pessoas que poderemos entrevistar... Pelo menos é o que eu acho!

— Pô, é isso mesmo! Somente por meio de uma pesquisa quantitativa é que a gente vai poder entender como pensam os alunos das várias turmas, os professores, os funcionários, os pais de alunos e até mesmo o pessoal do bairro que não está diretamente ligado à escola! Temos de tentar ser muito, mas muito objetivos, para que o resultado possa servir para melhorar as coisas – emendou Luís, coçando a cabeça de preocupação com o assunto.

— No nosso caso, também optamos por uma pesquisa quantitativa, porque nos pareceu ser a mais precisa e possível de se fazer, no momento. O importante é caprichar na elaboração do questionário, mas daí para frente tudo fica mais prático.

— É, vencido o desafio do questionário, que a gente conta pra vocês um outro dia porque já tá na hora de a gente ir embora, foi beleza! – quase encerrou Marcelo.

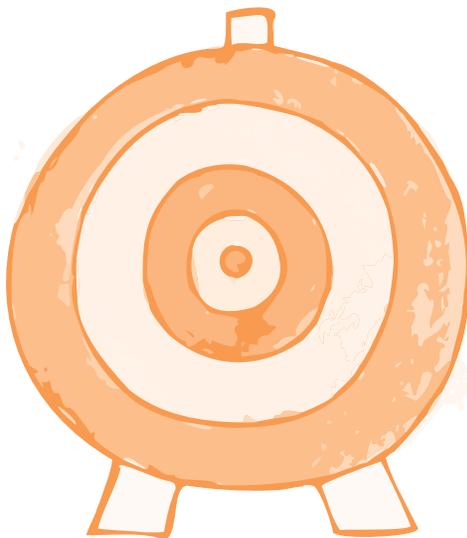
— Ô, hora de ir pra casa é sagrada, né, pessoal! A gente vai querer saber de tudo sim, Marcelo. Vamos nos corresponder via *e-mail*, telefone e também vamos marcar outros encontros. Agora é nossa vez de ir pra casa e pensar o que queremos e como queremos! Agradecemos a vocês de montão por tudo o





que nos deram de bom neste encontro! – fechou o professor Renato.

Feitas as devidas despedidas, voltamos de ônibus para escola na maior discussão! Essa pesquisa estava dando o que falar! Estava sendo gostoso ver todo mundo discutindo, participando, mesmo os do contra, como o Zezão. Como disse o Felipão, pesquisar faz parte da natureza humana, a gente gosta – e precisa – saber das coisas... Ia ser muito legal ver a escola transformada pela OPINIÃO DA MAIORIA...





### Capítulo 3:

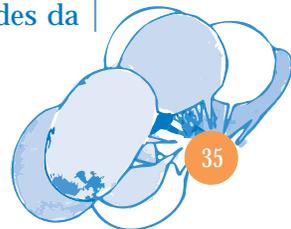
## Dificuldades e problemas existem para serem resolvidos...

Bom, voltamos bastante animados da escola do Felipão. O professor Renato pegou emprestado o manual do Felipão que ensinava, passo a passo, como fazer pesquisas de opinião e, junto com a professora de português (eu não disse que ela ia querer entrar nessa?), se propôs a fazer, pelo menos em três aulas por semana, a confecção da nossa pesquisa de opinião em prol da melhoria das condições da nossa escola. Agora era pra valer!

**POPULAÇÃO.** Conjunto de elementos com determinada característica em comum, cujas propriedades podem ser estudadas a partir de subconjuntos (amostras); universo.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

O passo seguinte seria escolher QUEM entrevistar. Não foi preciso muita discussão para a gente entender que, se queríamos uma pesquisa representativa – de verdade – das vontades da





comunidade, teríamos que entrevistar uma pequena parcela de cada grupo que fazia parte da escola: professores, alunos, funcionários, pais, moradores do bairro. Para isso, teríamos que definir uma **amostragem**. Dona Lígia, com seu jeito superdidático de professora mais velha da escola, logo escreveu no quadro:

*O PORQUÊ DE USARMOS UMA AMOSTRAGEM:*

- > *economia de tempo e de dinheiro;*
- > *não é necessário pesquisar todas as pessoas de uma população: uma amostra dessa população pode representá-la com precisão.*

*Por isso, a amostra deve contemplar todos os tipos de pessoa que compõem a população pesquisada.*

*UNIDADE AMOSTRAL: é o elemento que será entrevistado.*

*AMOSTRA: subconjunto de uma população, representativo das principais características dessa população.*

— A grande questão, meninos, é a gente se perguntar: “Qual é a população que pretendemos estudar? Temos dados sobre quem são e quantas são as pessoas que compõem esse conjunto?” Isto porque é fundamental atentar para o fato de que diferentes públicos podem precisar de tipos de linguagem diferentes no questionário e que tentar prever as opiniões dos diferentes tipos de entrevistados pode enriquecer nossas hipóteses, certo?



— Certíssimo, professora. Segundo os alunos do professor Felipão, o questionário é a alma da pesquisa de opinião. Se não for bem feito, se as hipóteses levantadas não estiverem corretas, bau, bau! – interferiu Luís, com ares de quem já sabia tudo de pesquisa.

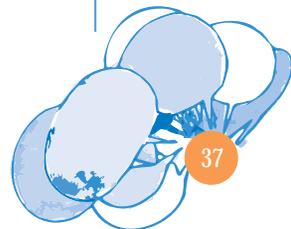
— Sabe de uma coisa... estou tendo uma idéia... Quem sabe o professor de geografia não entra nessa também? Essa coisa de amostra, de população, tem tudo a ver com as coisas que ele sempre nos ensinou, né não pessoal? – disse Jô, toda animada.

— Muito bem, Jô. Acho que a ajuda do professor Sérgio será valiosa. Vou falar com ele sobre o assunto e talvez ele também reserve algumas de suas aulas para que vocês possam trabalhar na pesquisa. Bem pensado, pessoal! – concordou Dona Lígia.

— Bom, já sei que vão me chamar “entorna-caldo” ou “estraga-prazeres”, mas vou fazer uma pergunta que tem a ver, certo? Numa boa, meu povo! É o seguinte: e o tamanho dessa amostra, quanto deve ser? E se for pequena? – disse Zezão, que, por milagre, tinha resolvido contribuir para melhorar a pesquisa.

— Muito boa questão, Zezão. Olha, de verdade, o tamanho da amostra não prejudica a pesquisa, mas é importante a gente saber que, quanto maior, mais capacidade ela terá de gerar dados confiáveis – respondeu a professora.

— É que ele gosta de pouco trabalho sabe, professora... – disse Lurdinha, bem baixinho e um pouco gaga. O pessoal adorou e deu risada!





— O mais importante, pessoal, é que a amostra seja uma representação fiel da população, tenha a mesma formação, o mesmo perfil. Deve ter um tamanho médio, para gerar dados confiáveis e para não ficar inviável. Observem este cartaz:

#### *FATORES IMPORTANTES PARA O TAMANHO DA AMOSTRA:*

- > *a segurança que se quer obter nos resultados e também o nível de detalhes desejado na análise dos resultados;*
- > *os recursos disponíveis (tempo e pessoas) para completar a pesquisa.*

**PROBABILIDADE.** *Perspectiva favorável de que algo venha a ocorrer; possibilidade; chance.*

*Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.*

— O que quer dizer que a nossa amostragem, aqui da escola, não vai poder ser do tamanho do mundo, certo, professora? – retrucou Zezão, mostrando a língua pra Lurdinha.

— Isso, mesmo, Zezão. Mas nós vamos defini-la direitinho. É importante vocês saberem também que toda pesquisa por amostragem está sujeita ao que se chama erro amostral, ou seja, as medidas obtidas pela amostra serão próximas ao verdadeiro



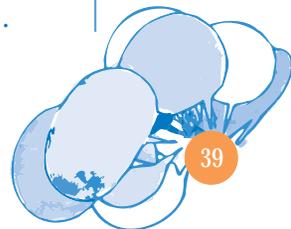
valor da população, mas não serão idênticas, deu pra entender? – perguntou dona Lígia.

— Para dizer a verdade, não muito... Muitas vezes, como nos casos das pesquisas eleitorais, por exemplo, fala-se na tal margem de erro, mas eu nunca entendi direito o que quer dizer. No fundo acho que é uma espécie de “desculpa” que o pessoal que faz as pesquisas já vai dando pra quando os resultados das eleições não baterem com os da pesquisa! – disse Luís.

— Não, Luís, não é isto não! O que ocorre é que, ao trabalhar com apenas uma amostra da população total, não podemos ter a mesma precisão que teríamos se pudessemos entrevistar todo mundo. É fácil perceber que, por mais que se procure entrevistar um conjunto de pessoas representativo de todo tipo de gente (por exemplo, de todos os eleitores do país), nunca será possível reproduzir com exatidão todas as suas características, não é mesmo? – explicou dona Lígia.

— Veja se entendi bem: quanto mais a amostra for parecida com a população geral mais chance se tem de que os resultados da pesquisa estejam certos e a tal margem de erro é uma espécie de medida do tamanho do risco de que não sejam tão exatos assim...

— É isto mesmo, Luís. É por esta razão que muitas vezes se mencionam as margens de erro quando se divulgam as pesquisas. Para que se saiba que o verdadeiro valor daquilo que se está buscando estimar estará próximo ao resultado da pesquisa, podendo variar um pouco para cima ou um pouco para baixo. A esta variação, que estabelece limites em torno da estimativa obtida, se denomina “intervalo de confiança”.





— Então também quer dizer – disse Lurdinha, olhando atravessado para Zezão, já com ares de entendida – que não são necessárias amostras “do tamanho do mundo” para que se tenham bons resultados! O importante é que as pessoas a entrevistar sejam bem escolhidas, viu, seu chato!

O sinal tocou e a aula tinha que acabar. Foi um alvoroço! Dona Lígia acalmou a turma e disse que teríamos algumas aulas para continuar a discussão e montagem da nossa amostragem. Poderíamos discutir também com o professor Renato e o professor Sérgio que, com certeza, iriam nos ajudar. E assim foi.

No dia seguinte, o professor de geografia chegou com todo gás e foi logo colocando no quadro dois conceitos sobre os tipos de amostra possíveis numa pesquisa:

#### *PROBABILÍSTICAS:*

- > todos os elementos que compõem a população são conhecidos (lista de alunos, de sócios de um clube, de filiados de um partido, por exemplo);*
- > todos os elementos que compõem a população têm a possibilidade de serem selecionados para a amostra;*
- > há uma seleção aleatória de entrevistados (por exemplo, um sorteio ou seleção de uma a cada  $n$  pessoas de uma lista);*
- > devem ser feitos todos os esforços possíveis para que todos os selecionados sejam efetivamente entrevistados.*



### *NÃO-PROBABILÍSTICAS:*

- > a população não está disponível para ser sorteada, não há uma listagem dos elementos que a compõem (moradores do bairro, torcedores de um time, telespectadores de um programa de TV);*
- > a seleção é realizada a partir de informações conhecidas: sexo, idade, nível de escolaridade etc.;*
- > há também seleção por cotas segundo o perfil (homens, mulheres, jovens, adultos etc.), com o percentual idêntico àquele que compõe a população;*
- > é preciso definir que variáveis usar para determinar essas cotas;*
- > ao contrário dos modelos probabilísticos, não existe um elemento específico selecionado e sim qualquer um que atenda às características estabelecidas (sexo, idade, por exemplo) poderá ser entrevistado;*
- > se não há informações para determinar cotas de controle, a seleção pode ser acidental, escolhendo lugares onde o público-alvo pode ser encontrado;*
- > não é possível calcular rigorosamente os erros de amostragem.*

**PÚBLICO-ALVO.** Segmento do público ao qual se destina uma mensagem específica.

Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.



Foi engraçado como desta vez a reação do pessoal a esta exposição de conceitos já mudou um pouquinho. Em vez de ler rapidamente e já se desesperar, achando que nunca iria entender o que estava escrito, o pessoal foi lendo em voz alta e tentando explicar o que estava entendendo. De fato, não era tão complicado assim. Eu até lembrei que alguém do grupo do Felipão havia dito que eles escolheram uma amostragem não-probabilística, e que, até aquele momento, tava dando tudo certo...

— Tudo bem, pessoal? Não é um bicho-de-sete-cabeças, é? – quis saber o professor Sérgio.

— Mais ou menos né, Serjão? Quer saber, acho que a gente devia era botar logo a mão na massa e ir fazendo. Acho que nada melhor do que fazer pra aprender, certo? As dúvidas vão surgir e aí, cara, a gente se vira! – disse Jô, que não gostava mesmo de perder tempo.

— Concordo, Jô. E não é só “a gente se vira”! Vocês têm a nós, os professores, para ajudá-los. Afinal de contas, a gente não pode esquecer de que estamos todos trabalhando por uma causa que é de todos nós: a melhoria da NOSSA escola, certo? – professor Sérgio fechou questão.

Dei um sorriso de canto de boca e pensei: “Bom que temos professores legais aqui na escola. Minha mãe comentou comigo



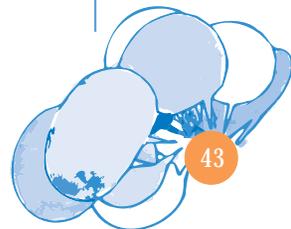


que a diretora, lá nos bastidores, não estava gostando nada, nada, da idéia de uma pesquisa como esta. Tem medo dos resultados. Minha mãe sempre diz que a diretora está fazendo o melhor que pode, mas que é mesmo muito difícil administrar. E numa escola, um lugar onde as pessoas – pelo menos na teoria – têm mais espaço para se expressar, era mais fácil ela virar alvo de críticas e mal-entendidos. Minha mãe me explicou que a posição da dona Elisabeth é delicada, porque ela tem de apresentar resultados bons para todo mundo... E quem é que consegue agradar a todos? Bom, é como eu falei: as pessoas têm muito medo de mudar as coisas, mesmo as coisas que não estão boas...

De todo modo, a pesquisa estava acontecendo. Já sabíamos mais sobre o assunto do que antes, sem falar que, paralelamente a toda esta discussão sobre amostragem, havia um grupo pesquisando sério o nosso assunto. Mais algumas semanas e já teríamos condições de partir para a elaboração do questionário. Eu estava adorando! Dei até para reunir umas frases legais, que tinham a ver com o nosso trabalho. Sempre que achava alguma interessante, escrevia no quadro negro, para animar a galera. Como esta, do Gandhi:

*“A verdade mora em todo coração humano e é preciso procurar por ela ali e deixar-se guiar pela verdade tal como a pessoa a entende. Mas ninguém tem o direito de obrigar os outros a agirem de acordo com sua própria visão da verdade”.*

Arrasou, não?







## Capítulo 4:

### **A resposta certa está na pergunta certa...**

A semana passou num minuto. No meio da questão da amostragem, da pesquisa sobre a situação da escola, a gente foi se correspondendo com o pessoal do Felipão. O computador da nossa escola fica na secretaria. Beleza, porque é a minha mãe quem tem a senha e deixa a gente usar sempre que precisa. O pessoal do Felipão tem dado a maior força, e enviou um *e-mail* falando da elaboração do questionário, nosso próximo passo, depois de definida a amostra. Olha só que dicas legais eles nos mandaram:

Pessoal,

Na hora de fazer o questionário de vocês não marquem bobeira. Botem um reparo especial nas seguintes questões:

*Para a feitura dos questionários é legal:*





- > observar os seus limites de extensão e de finalidade;
- > selecionar o que é mais importante a ser perguntado;
- > garantir que ele tenha um início (perguntas gerais), um corpo (perguntas específicas e detalhadas da pesquisa) e uma conclusão (perguntas mais delicadas e que pedem informações mais pessoais).

*Para a seleção das perguntas, prestar atenção, pois:*

- > devem focar diretamente o tema pesquisado;
- > devem ser simples, claras e breves (perguntas longas podem gerar erros, pois o entrevistado pode esquecer de parte delas);
- > devem ter um vocabulário adequado ao cotidiano dos entrevistados;
- > o grupo deve avaliar as questões elaboradas perguntando-se: esta questão trata precisamente do assunto da pesquisa? Esta pergunta é a mais breve possível? A questão está clara?



Não pensem que será fácil, não. A gente malhou muito pra chegar num questionário legal, mas valeu a pena. Agora que estamos acabando a tabulação é que vemos o quanto as boas perguntas foram úteis. Não desistam e, se precisarem, contem conosco para ajudar com mais dicas!

Bjs.,  
Turma do Felipão.

Oooops! Tem um recado especial da Ana Maria pra vocês: "Olha pessoal, para mim, fazer pesquisa de opinião foi interessante porque eu pude ouvir e conhecer o que as pessoas pensam. Mas o que eu achei mais legal dessa experiência foi elaborar o questionário, tabular as respostas e conhecer novas pessoas. Foi tudo de bom, não desistam logo nas primeiras dificuldades! Vale a pena chegar ao resultado final!"

Muito legal, né? Puxa, a gente ficou contente e eu logo levei para a aula de teatro estas dicas, porque a questão da amostra já estava resolvida. Íamos começar entrevistando trinta pessoas da nossa comunidade escolar e do bairro. Tínhamos





definido faixa etária, sexo, renda, tudo direitinho, como manda o figurino. E olha que fazer tudo isso numa semana era quase um milagre. Daí eu ter colocado a seguinte frase no quadro, para continuar animando a galera: “*Os milagres sempre acontecem na vida de cada um e na vida de todos. Mas, ao contrário do que se pensa, os melhores e mais fundos milagres não acontecem de repente, mas devagar, muito devagar.*” (Paulo Mendes Campos)

Bom, agora estava na hora de pensar no questionário. Sim, confesso que a gente estava com um pouco de medo. Mas o professor Renato armou uma das suas. Usou sua aula para a gente ouvir e analisar a música *Pacato cidadão* do Skank. Tudo a ver com pesquisa. Tudo a ver para relaxar e dar um novo gás para o trabalho. Não deu cinco minutos e já tava todo mundo cantando:

*PACATO CIDADÃO*  
(Samuel Rosa/Chico Amaral)

*Pacato cidadão, te chamei a atenção / Não foi à toa, não  
/ C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia / Dia a dia  
não / Tracei a vida inteira planos tão incríveis / Tramo à  
luz do sol / Apoiado em poesia e em tecnologia / Agora à  
luz do sol / Pra que tanta tevê, tanto tempo pra perder /  
Qualquer coisa que se queira saber querer / Tudo bem,  
dissipação de vez em quando é bão / Misturar o brasileiro  
com o alemão / Pra que tanta sujeira nas ruas e nos rios  
/ Qualquer coisa que se suje tem que limpar / Se você não  
gosta dele, diga logo a verdade / Sem perder a cabeça, sem  
perder a amizade / Consertar o rádio e o casamento /*



*Corre a felicidade no asfalto cinzento / Abolir a escravidão do caboclo brasileiro / Numa mão educação, na outra dinheiro. / Pacato cidadão / ô pacato da civilização.*

— Aí Renatão! Assim, você ganha qualquer parada, cara!  
– disse o Zezão, quase sem o seu azedume natural.

— Não trouxe a música pra seduzir vocês, não, Zezão. Pelo menos não só para isso. Acho importante a gente não perder de vista o que a pesquisa significa, qual é o papel de vocês nisso tudo. Elaborar o questionário tem a ver com aquilo que eu falo sempre: é mais importante perguntar do que obter as respostas. Até porque, o avesso da pergunta é a resposta. Quando temos uma, invariavelmente, teremos a outra...

— É muito filosófico, professor Renato, mas efetivamente eu queria saber como vai funcionar a elaboração desse negócio, sabe? Somos todos nós que vamos elaborar as questões? – quis logo saber Jô, já partindo pra luta.

O sinal tocou antes que professor Renato respondesse a pergunta da Jô. Mas, brevemente, ele disse que a professora Lígia é quem daria conta disso, nas aulas dela. Que era para a gente se acalmar, que ela já estava entrando na sala.

Dona Lígia, com sua didática infalível de mais de vinte anos de magistério, logo dividiu a classe em grupos e propôs que cada um elaborasse pelo menos duas questões. Para isso, colocou no quadro dois cartazes com informações fundamentais para que pudessemos fazer nosso trabalho:

Questionários têm que ser padronizados e estruturados. Há dois tipos:





#### *Os AUTO-APLICADOS:*

- > são entregues para a pessoa entrevistada, que deve preencher e devolve ao entrevistador;*
- > funcionam bem para pessoas com maior escolaridade ou em escolas, onde um orientador possa tirar as dúvidas.*

#### *Os APLICADOS POR ENTREVISTADOR:*

- > são aqueles em que o entrevistador lê as perguntas em voz alta, o entrevistado responde e o entrevistador anota a resposta;*
- > é importante que as anotações sejam claras;*
- > é preciso uma equipe de entrevistadores bem-treinados.*

#### *TIPOS DE PERGUNTA QUE PODEM SER FEITOS NUM QUESTIONÁRIO:*

##### *PERGUNTAS FECHADAS – SÃO AQUELAS QUE:*

- > têm opções de respostas fornecidas no questionário (alternativas);*
- > podem ser tabuladas diretamente a partir das alternativas;*
- > as opções devem ser elaboradas cuidadosamente;*
- > é importante prever alternativas para os casos em que as pessoas não souberem ou não quiserem responder.*

##### *PERGUNTAS ABERTAS – SÃO AQUELAS QUE:*

- > os entrevistados respondem espontaneamente, sem leitura de opções pré-elaboradas pela equipe;*
- > são mais difíceis de tabular porque é preciso classificar e codificar as respostas antes de tabular;*



- > *é preciso criar categorias de respostas;*
- > *para codificar o melhor é dividir a sala em grupos e cada um ficar responsável por uma questão.*

E, com a maior paciência do mundo, explicou e comentou detalhadamente cada informação contida neste material.

Bom, conforme vocês podem imaginar, a aula acabou e ainda ficamos cheios de dúvidas. Era muita coisa nova e pouco tempo para aprender tudo. Fomos para casa com a tarefa de tentar montar alguns exemplos de perguntas abertas e fechadas. E a certeza de que – como disse a Jô – só se aprende, de verdade, fazendo.

**CLASSIFICAR.** Distribuir em classes e/ou grupos, segundo sistema ou método de classificação. Determinar as categorias em que se divide e subdivide um conjunto.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

Na aula seguinte, tínhamos recebido um *e-mail* do professor Felipão com algumas dicas importantes (desta vez ele tinha escrito sozinho, sem recadinho dos alunos) e eu levei para dona Lígia ler para todo mundo e a gente pensar. Vejam só que legal:





Pessoal das oitavas séries, prestem atenção na hora de elaborar os questionários:

- > vocês devem começar com um grande número de perguntas e ir reduzindo até chegar ao essencial;
- > devem existir perguntas suficientes para verificar todas as hipóteses levantadas;
- > a organização dos assuntos das perguntas também é fundamental.

E mais: saber se uma pergunta deve ter uma única resposta ou se o entrevistado pode ter múltiplas opções é fundamental para a etapa da tabulação dos resultados no final da pesquisa, já que:

- > a totalização das respostas para perguntas de opção única deverá coincidir com o número de entrevistados (100%);
- > a totalização das respostas para perguntas de múltipla escolha poderá exceder o número de entrevistados (maior que 100%).

As boas perguntas são fáceis de reconhecer. Todo mundo responde sem ter que pensar muito...



Boa sorte e um abraço,  
professor Felipe.

Dona Lígia também comentou as observações do professor Felipe e pediu para ver as questões que a gente tinha pensado. Sorteou três alunos para dar exemplos e lá fomos nós para o quadro negro:

*Quais destes tipos de problema são comuns na sua escola?  
(Resposta múltipla) Ler alternativas*

- Desrespeito ao professor* ( )
- Vandalismo* ( )
- Desrespeito entre os alunos* ( )
- Brigas* ( )
- Desrespeito aos funcionários* ( )
- Desrespeito ao aluno* ( )
- Nenhum* ( )
- Outros:* ( )
- Quais? .....*

*Como a direção da escola trata destes tipos de problema?  
(perguntar para cada tipo de problema citado da questão anterior)*

	<i>Com indiferença</i>	<i>Chama os pais/família</i>	<i>Envolve a polícia</i>
<i>Desrespeito ao professor</i>	( )	( )	( )
<i>Vandalismo</i>	( )	( )	( )





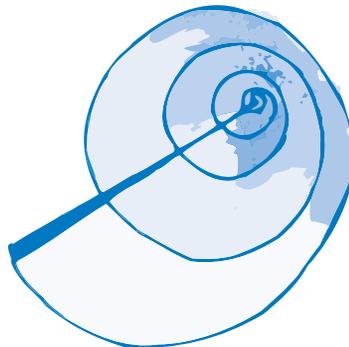
<i>Desrespeito entre os alunos</i>	( )	( )	( )
<i>Brigas</i>	( )	( )	( )
<i>Desrespeito aos funcionários</i>	( )	( )	( )
<i>Desrespeito ao aluno</i>	( )	( )	( )

*Outros (perguntar para cada "outro" citado na questão anterior)*

<i>Outros</i> _____	( )	( )	( )
<i>Outros</i> _____	( )	( )	( )
<i>Outros</i> _____	( )	( )	( )

*O preconceito mais freqüente na sua escola está relacionado à:  
(ler as alternativas)*

<i>Raça</i>	( )
<i>Idade</i>	( )
<i>Opção sexual</i>	( )
<i>Moda</i>	( )
<i>Classe social</i>	( )
<i>Outros</i>	( )
<i>— Quais?</i>	.....



Como vocês puderam ver, o Tiago, a Bernadete e o Gérson acertaram direitinho. Como disse a Lurdinha, “estava melhor que a encomenda”. Sem querer, dona Lígia deu um suspiro: entendi que ela também estava preocupada com esta história da pesquisa: além de ter que dar conta dos conteúdos da sua matéria, ela também se sentia responsável pelos resultados deste



projeto. A gente estava mexendo com questões sérias e dona Lígia, como todo mundo sabia, era uma pessoa que levava seus compromissos muito a sério.

— Bom, pessoal, a julgar pelos exemplos apresentados, creio que vocês compreenderam direitinho os principais conceitos para a elaboração do questionário. E eu fico muito feliz por isso, porque isso significa mais de meio caminho andado! – disse dona Lígia, com um sorriso mais aliviado.

— Dona Lígia, por acaso a senhora ficou sabendo que a nossa diretora... em... eu ouvi dizer por aí que ela não está gostando nada, nada, dessa história de pesquisa... – a classe inteira olhou feio pro Zezão. Tinha que ser ele a levantar esse assunto desagradável! Mas que coisa!

— Bom, Zezão, eu não ia falar sobre este assunto, mas já que você tocou nele, acho que cabe aqui uma pequena explicação...

— É um estraga-prazeres mesmo! – gritou Tiago, bem zangado.

— Tudo bem, Tiago. Só para vocês saberem que a nossa diretora está apreensiva, sim, com esta pesquisa. Não só pelo tema, que, para ela, é bem delicado, uma vez que é ela quem administra esta escola e ela verá, pela pesquisa, o que as pessoas pensam do seu trabalho, mas também pela questão dos conteúdos disciplinares, pois ela teme que nós, os professores envolvidos, não consigamos atingir nossos objetivos pedagógicos com este tipo de projeto...

— Putz, Lígia! Mas é só dar uma olhada nas minhas anotações, por exemplo, para ela ver o quanto a gente avançou





em geografia e português! Isso sem falar que eu ouvi o professor de matemática dizer que vai aproveitar um monte pra matéria dele quando a gente for tabular os dados! Não tem nada a ver ela ter esse tipo de medo! – eu disse, indignada, mostrando meu “Diário de Bordo”, recheado de anotações.

— Que bom que você vê assim, Paula. É tarefa de todos nós mostrar para a dona Elisabeth que as coisas podem não ser exatamente como ela imagina. Ao final deste projeto a gente vai ter de provar que ele atendeu a diversos objetivos: desde os didáticos até os humanos. É nisso que eu acredito também – concluiu dona Lígia, até porque era hora da aula de matemática e o assunto estava esgotado.

O professor Miguel, de matemática, falou para a turma, pela primeira vez, que estava se engajando no projeto de pesquisa. Estava entusiasmado e, de cara, disse que iria ajudar o professor Renato no pré-teste do questionário.

— Pré-teste? Mas o professor Renato não falou nada disso pra gente! – assustou-se Luís.

— Tudo bem, Luís, ele vai falar na próxima aula. Eu é que estou me adiantando. É que todo questionário necessita de um TESTE, uma espécie de “aplicação-piloto” para um número pequeno de pessoas que não tenha participado de sua elaboração. Isso serve para verificarmos se as perguntas estão claras ou não e aí, se for o caso, a gente pode fazer uma revisão das perguntas.

— Ah... bom... – respondeu Luís, coçando a cabeça.

— Mas fiquem tranquilos. Nós vamos programar direitinho, eu e o professor Renato. Assim que aprontarmos o



questionário, selecionaremos nosso público para o teste e aí veremos se estamos no caminho certo, ok? Agora vamos lá que hoje eu tenho um outro assunto pra gente discutir...

**TESTE.** Exame, verificação ou prova para determinar a qualidade, a natureza ou o comportamento de alguma coisa, ou de um sistema sob certas condições.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*







## Capítulo 5:

### Saindo a campo para buscar as respostas

A elaboração do questionário foi “o que há”. Levamos quase duas semanas para terminá-lo. Muita gente falando, elaborando questões e... complicando mais do que precisava. Parecia um campeonato para ver quem fazia as melhores perguntas. Existia um clima de competição no ar que não era legal. Os quatro professores envolvidos nesta cruzada tiveram um trabalho adicional para contornar essa crise. Juro, achei que nosso trabalho ia travar ali.

Mas, para variar, o professor Renato achou uma saída interessante: convidou o pessoal do Felipão para vir até a nossa escola e a gente entrevistá-los, não com questionário, mas tipo uma entrevista bate-papo, para eles contarem um pouco mais sobre a sua experiência. E aí, cara, foi bom demais. Eu até anotei uns depoimentos superlegais e depois xeroquei para nossa turma inteira, que era para ninguém esquecer o que eles tinham dito:

*Como é que foi essa parte da elaboração das perguntas? Que mudanças vocês sentiram na sala de*





*aula com esse trabalho de criar perguntas para um questionário?*

*(Gilda) O movimento básico de perguntar sempre existiu para nós, até porque nas nossas aulas, ultimamente, a gente tem conversado, discutido com os professores. Eles não são bem assim do tipo “escreve, copia”; são bem descontraídos. Eles colocam um assunto no quadro, explicam e ficam debatendo com a turma.*

*(Sandro) A questão foi a escolha das perguntas melhor elaboradas para entrar no questionário. Ah, isso deu trabalho, muito trabalho...*

*E a experiência de ir a campo, como foi isso para vocês?*

*(Jussara) No início foi um pouco complicado “como é que a gente vai fazer isso? Quem é que vai falar lá na frente...”. A gente se apresentava para as turmas da escola, pedia licença pra aplicar o questionário-teste. Mas, depois que a gente foi pegando um grupo para fazer as perguntas, aí ficou mais fácil.*

*(José) É, a gente foi se soltando mais. No começo, a gente ficou meio nervoso, com medo de pagar mico, essas coisas.*

*(Daiane) Algumas pessoas não queriam participar, mas a maioria dava sugestões, opiniões... também teve gente que não sabia responder; acho que foi porque algumas não tinham conhecimento das palavras, de algumas palavras. Por exemplo, na hora da*





*resposta em aberto, não sabiam o que responder, ficavam perguntando um ao outro, demoravam para responder, pediam sugestões para a gente. A gente dizia “a gente não pode dar”, temos que apenas ouvi-los. Essas coisas, sabe?*

*E qual era, como era a reação das pessoas? Como foi encarar isso?*

*(Catarina) É sempre bom saber a opinião de outras pessoas, com idades diferentes, pensamentos diferentes... Sempre que respondiam às nossas perguntas, as pessoas argumentavam e aparecia no rosto delas uma certa empolgação. Foi muito interessante entrevistar as pessoas, elas se empolgam em responder e nós nos empolgamos mais ainda em perguntar!*

*(Roberto) Eu já não achei tão legal assim, não. Peguei muita gente que não queria responder, um saco! Tinha umas pessoas, por exemplo, que eram um pouco ignorantes, alguns recusavam, não queriam fazer a entrevista... diziam “pra que isso aí?” A gente ia levando na brincadeira, não podíamos tratar ninguém de modo agressivo, aí a gente perguntava uma coisa e eles ficavam brincando... se cutucavam, perguntavam ao outro, não tinham opinião própria... Pra mim foi bem difícil esta etapa.*

*E o balanço até agora, qual foi?*

*(Expedito) Para mim, fazer pesquisa de opinião foi uma coisa diferente porque fiquei um pouco nervoso, mas aos poucos fui me acostumando... O que eu achei*





*legal foi saber um pouco mais das pessoas e o mais chato foram as pessoas que não quiseram participar da pesquisa. Agora estamos acabando a tabulação e eu tô aprendendo um monte! Tá muito legal!*

Bom, depois dessa injeção de ânimo, ficou um pouco mais fácil a gente caminhar com o nosso questionário. O professor Felipão – que já sabia que eu adorava as “frases para dar ânimo” –, me mandou esta aqui por *e-mail*, e eu achei o máximo:

**EQUIPE.** Conjunto ou grupo de pessoas que se aplicam a uma tarefa ou trabalho.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

*“Nós fazemos a diferença, de um jeito ou de outro. Somos responsáveis pelo impacto de nossas vidas. Qualquer coisa que fazemos deixa para trás um legado para aqueles que vêm depois de nós”. (Stephen Covey)*

Eu escrevi no quadro e o pessoal adorou. Essa pesquisa estava ensinando um monte de coisas importantes para todos nós...

Na aula seguinte à visita da escola do Felipão, o professor Miguel, de matemática, trouxe uma folha onde havia alguns conselhos para trabalharmos em grupo que achei legais e que, ajudaram muito na preparação da nossa próxima etapa: o pré-teste e os trabalhos de campo. Sacra só:



### **Para se fazer um trabalho em equipe é fundamental:**

- dividir responsabilidades e tarefas;
- combinar prazos;
- ter controle do trabalho anotando tudo o que acontece no “Diário de Bordo”.

### **E para a aplicação dos questionários é importante que:**

- eles estejam numerados e controlados em uma planilha;
- o entrevistador esteja familiarizado com o questionário;
- o entrevistador seja treinado para ler tudo com clareza;
- o entrevistador saiba preencher o questionário corretamente.

Sem falar que ele fez questão de definir o que era o trabalho de campo, escrevendo no quadro, em letras garrafas: É A COLETA E A VERIFICAÇÃO DE INFORMAÇÕES. Neste momento, aplica-se os questionários, registra-se os dados, verifica-se o preenchimento dos questionários. Ou seja, é um momento fatal para a pesquisa!

Aliás, deixa eu contar que a participação do professor Miguel nesse trabalho foi dez! E olha que vocês sabem que eu





**PLANILHA.** Qualquer formulário impresso onde se lançam informações padronizadas.

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

odeio matemática, mas nunca havia imaginado que ela pudesse ser tão útil num projeto assim, e até passei a olhar o professor Miguel sem tanto “ughh!”, porque ele era mesmo um cara bem legal, gostava da matéria e teve bastante saco para agüentar tantas perguntas... Sim, porque, cá pra nós, a nossa turma era fraca demais em raciocínio, cara! Quem sabe com essa pesquisa a gente melhora um pouco!...

Enfim, depois de tantas idas e vindas, dicas e mais dicas, um belo dia chegamos à conclusão de que o questionário estava pronto para o pré-teste. O Renato foi fundamental para esta decisão – porque caso contrário, eu acho que a gente ia estar discutindo até hoje! – ele fechou questão quando nos disse:

— Pessoal, trabalho perfeito não existe. O pré-teste é pra isso mesmo, a gente vai ajustar o que tiver que ser ajustado a partir dos resultados levantados. O resto é puro medo. Vamos lá, aos testes? Antes só queria que vocês levassem, junto com vocês, estas instruções, que preparei com todo empenho, para não esquecê-las de jeito nenhum. Anotem:



#### *INSTRUÇÕES PARA A ABORDAGEM NAS ENTREVISTAS:*

- > *primeiro o entrevistador deve identificar-se, mostrando um documento (um crachá, por exemplo);*
- > *depois deverá explicar os objetivos da pesquisa;*
- > *deverá pedir colaboração do entrevistado com delicadeza;*
- > *deverá demonstrar respeito às opiniões dos entrevistados;*
- > *e deverá tomar muito cuidado para não influenciar os entrevistados*

*Depois de aplicados, os questionários devem ser verificados e as perguntas não respondidas, anuladas ou abertas devem receber um código (a ser combinado posteriormente).*

Frio na barriga, gagueira (e nem era só da Lurdinha!), empolgação. Deu de tudo na nossa “estréia”, mas não fugimos à luta. Em quatro dias aplicamos o questionário pré-teste. As nossas dificuldades não foram muito diferentes das que o pessoal do Felipão havia encontrado. Tínhamos dado de cara com gente muito a fim de colaborar e outras... nem tanto. O pessoal do noturno colaborou, respondeu direitinho, tivemos problemas com um ou outro que achou “bobagem”, mas, no geral, o resultado final foi positivo. Havíamos conseguido trinta questionários respondidos, o que, para nós, estava de bom tamanho.

Vale dizer que o pré-teste, como haviam dito os alunos do Felipão, serve mesmo para a gente acertar um montão de coisas: perguntas que a gente achou que estavam perfeitas, mas





não estavam; gente que se achava muito preparada para as entrevistas, e não estava, e ficou nervoso, atrapalhado. Dúvidas e mais dúvidas foram aparecendo e, neste processo, a gente foi ganhando mais segurança para a etapa “de verdade”. Olha cara, pesquisa sem pré-teste não funciona!

Eu, particularmente, tinha tido sorte na aplicação deste pré-teste. Sem querer, tinha até arrumado um “fã”! Sim, levei uma cantada bem interessante de um menino do noturno que, não fosse pela pesquisa, eu sequer olharia duas vezes... Sabe aquele que só é bonito se a gente olha no fundo do olho e escuta o que ele diz? É, é esse o tipo... Fiquei tão feliiiiizzzz! Ele ficou de me ligar pra gente marcar um cineminha. Já pensou se rolar? Ô pesquisa santa, meu Deus!

Ainda havia bastante trabalho a ser feito antes de sairmos a campo com questionário “de verdade”: tínhamos de checar as perguntas do pré-teste, fechar o questionário e aí sair pra rua. Por mais que a gente tivesse previsto que gastaríamos o semestre fazendo isso, às vezes dava um desânimo, porque era um trabalho longo mesmo. Porém, a dona Lígia levou um papo superinteressante com a gente, explicando que, no mercado de trabalho, nossos projetos seriam assim mesmo: coisas mais longas, onde os resultados seriam, muitas vezes, colhidos bem mais na frente. O jeito era ter paciência, certo?



## Capítulo 6:

### **As coisas não estão prontas, há trabalho a ser feito!**

Terminada esta etapa do pré-teste, as perguntas fervilharam na nossa cabeça. Era hora da verdade. O trabalho de campo vai confirmar ou contrariar as hipóteses levantadas pela turma? Que caminhos encontraremos que não haviam sido pensados? Como vai ser o processo de tabulação? Quem vai comandar?

Como a coisa estava pegando fogo, os quatro professores que estavam coordenando o projeto – Renato, Lígia, Sérgio e Miguel – resolveram marcar um encontro conosco no sábado, a manhã inteira, para a gente discutir a forma de tabulação das perguntas. Íamos fazer um exercício tabulando as perguntas do questionário pré-teste, que era para estar bem “afiado” quando fossemos tabular o questionário de fato. Como o pessoal do Felipão já tinha adiantado algumas das suas dificuldades, os nossos professores resolveram agir antes que a gente desistisse nesta fase, o que era bem possível de acontecer.

É claro que muita gente não gostou nada, nada, de ter que perder o sabadão de manhã indo para a escola, mas a maioria compareceu e lá fomos nós ouvir atentamente as explicações do professor Miguel:

— Bom, pessoal, acho que vocês devem imaginar que a tabulação e o processamento de informações podem ser feitos manualmente ou usando programas de computador comuns (como o Excel) ou ainda usando programas específicos, criados para esse tipo de atividade. Tudo bem até aí?

Todos balançamos a cabeça, concordando.

— Na tabulação manual precisamos usar uma folha previamente preparada para a contagem das respostas; pode ser papel quadriculado. Anota-se todas as opções de cada pergunta – uma em cada linha – e formando colunas, sendo que a primeira coluna deve ser reservada ao total e as demais colunas reservadas para as outras variáveis que serão tabuladas. Deixa-se a última linha para a totalização dos dados. No fim de cada coluna anota-se o subtotal de cada categoria. Como vocês podem ver, não é nenhum bicho-de-sete-cabeças!

— Não é até a gente ter que fazer milhões de contas, professor Miguel! – esbravejou Zezão, furioso pelo sabadão de sol “perdido”...

— Calma, Zezão, a gente vai poder usar calculadora, não vai? – interrompeu Lurdinha, já melhor da timidez.

— Claro, pessoal. Fazer as contas é o de menos. Acho que o que este trabalho vai proporcionar a vocês, mais especialmente, é o desenvolvimento de raciocínios diferentes, o que, para mim, é matemática pura! E, além disso, é gostoso de fazer, vocês vão ver! – enquanto ia falando, ia colocando uns cartazes no quadro negro com as seguintes informações:

## COMO TABULAR QUESTIONÁRIOS:

*POR TOTAL DE ENTREVISTADOS:* separa-se em pilhas o conjunto total de questionários, de acordo com a resposta dada à pergunta que será tabulada. Depois, conta-se os questionários de cada pilha e anota-se o total nas alternativas correspondentes.

*POR VARIÁVEIS:* ou seja, pelas características dos entrevistados. Segue-se a lógica anterior, separando os questionários em pilhas de acordo com a alternativa respondida. Depois de separados e contados, olha-se novamente cada pilha e identifica-se novos grupos dentro delas, como homem e mulher, ou idade. Aí, conta-se novamente os questionários registrando na planilha. O procedimento pode ser repetido para cada variável, redividindo as pilhas progressivamente.

*TABULAÇÃO EM PLANILHAS ELETRÔNICAS (EXCEL):* as mesmas diretrizes servem para esse tipo de tabulação; o que muda é a forma de registro. Se houver um elevado número de questionários a ser tabulado, o uso do Excel pode facilitar.

E toca o professor Miguel, com a maior paciência do mundo, a explicar tudo isso em detalhes para nós. Confesso que, “desarmada” contra a matemática, foi mais fácil eu entender. O pessoal perguntou bastante, o que animou o professor Renato, que, de vez em quando, fazia cara de preocupado.

Mas o mais legal mesmo foi o professor Miguel ter começado a botar a mão na massa. Ele começou, devagarinho, a tabular algumas perguntas do nosso questionário – ou

“perguntário” –, como ele o apelidou, carinhosamente. E aí a coisa aconteceu mesmo. Na pergunta 3, por exemplo, ele comentou:

*Quais destes tipos de problema são comuns na sua escola?*

**(Resposta múltipla)**       *Ler alternativas*

*Desrespeito ao professor*      ( )

*Vandalismo*      ( )

*Desrespeito entre os alunos*      ( )

*Brigas*      ( )

*Desrespeito aos funcionários*      ( )

*Desrespeito ao aluno*      ( )

*Nenhum*      ( )

*Outros:*      ( )

— *Quais?* .....



- > *Pergunta-se aqui quais problemas “são comuns” na escola. Desta forma, se todos os problemas existem na escola, cada entrevistado pode responder que todos são comuns e o entrevistador irá colocar um “x” em todas as opções.*
- > *Para reduzir o número de opções de resposta pode-se incluir algum grau de intensidade e limitar o número de respostas, perguntando, por exemplo, “entre estes problemas, quais **os dois mais** graves, **os dois mais** frequentes,...”*
- > *A mesma pergunta ainda poderia ser de resposta única se em seu texto se incluísse exatamente, “entre estes problemas **qual o** mais grave, **o** mais frequente,...”*

*A forma de perguntar tem a ver com o objetivo da pergunta. No primeiro caso, o objetivo pode ser apenas distinguir que problemas a comunidade está enxergando, enquanto nos outros dois casos já se teria o indicativo de prioridade para solução do problema.*

À medida que ele ia explicando, para mim parecia que o mundo ia clareando... Não é que não era tão difícil assim, meu Deus? E aí, quando chegou na tabulação da questão 4, com múltipla escolha, eu babei de vez, porque consegui entender TU-DI-NHO! Olha só a ilustração dele, utilizando como exemplo 200 entrevistados:

*Quais destes tipos de problema são comuns na sua escola?  
(Resposta múltipla) Ler alternativas*

	<i>n</i>	<i>%</i>
<i>(base)</i>	<i>200</i>	
<i>Desrespeito ao professor</i>	<i>80</i>	<i>40</i>
<i>Vandalismo</i>	<i>170</i>	<i>85</i>
<i>Desrespeito entre os alunos</i>	<i>100</i>	<i>50</i>
<i>Brigas</i>	<i>90</i>	<i>45</i>
<i>Desrespeito aos funcionários</i>	<i>20</i>	<i>10</i>
<i>Desrespeito ao aluno</i>	<i>10</i>	<i>5</i>
<i>Nenhum</i>	<i>0</i>	<i>—</i>
<i>Outros .....</i>	<i>0</i>	<i>—</i>





*Se somamos a coluna “n”, temos 470 respostas, sendo que apenas 200 pessoas responderam. Isto se deve ao fato de que cada uma pôde responder mais de um item na pergunta. Para cálculo dos percentuais, a base será sempre o total de respondentes (neste caso, 200) e a leitura seria que, dos 200 respondentes, 80 (ou 40%) apontam “Desrespeito ao professor” como um problema comum na escola; 170 (ou 85%) deles, apontam “Vandalismo”, e assim sucessivamente. Neste caso, se somarmos os percentuais, teremos 235.*

Como vocês puderam ver, entre números e letras e tantos exemplos legais, a manhã de sábado voou. A gente nem se deu conta do quanto tinha aprendido em tão pouco tempo. Sim, porque depois deste verdadeiro “vestibular de perguntário”, todos nós tínhamos absoluta certeza de que agora estávamos prontos para a nossa ETAPA FINAL!



## Capítulo 7:

### Terminar para... começar!

Não deu tempo de eu anotar, tim-tim-por-tim-tim, tudo o que aconteceu neste último mês de trabalho. Primeiro porque todos trabalhamos feito camelos, e depois porque rolou tanta coisa legal, que eu tive de aprender a fazer uma síntese de tudo, um resumo, porque, para mim, tudo foi MUITO IMPORTANTE.

Da aplicação do “perguntário de verdade” até a tabulação, muitas águas rolaram. Muitas brigas, discussões, algumas noites adentro, outras, nem tanto. Reuniões em fins de semana, professores malucos com nossas dúvidas. Rolou também uma amizade mais forte entre alguns de nós, uma admiração especial pelos professores – comandantes do processo, uma gratidão imensa pelos funcionários da escola, alguns que mesmo nos fins de semana vieram trabalhar só para colaborar com a nossa pesquisa. Como disse a Lurdinha: “Saldo: um milhão positivo”. E foi mesmo.

Já próximo ao encerramento das aulas daquele semestre, estávamos com a pesquisa pronta. Dados tabulados (vale destacar que a tabulação foi, de verdade, “um drama”. Não era fácil fazer tanta conta, com tanta gente junta, em tão pouco tempo.





Mas a gente deu conta!). Nós nos sentimos como possuidores de um grande tesouro: só nós, da oitava série, sabíamos o que, de fato, a nossa comunidade pensava sobre a escola. Gente, foi genial esta sensação. Deu até para sacar porque a professora Lígia sempre falava, com ar grave: “Informação é poder”. Totalmente, cara. A gente se sentiu donos de uma verdade que ninguém sabia, entende? E agora era preciso a gente saber como passar este “tesouro” adiante. Como fazer para apresentar os nossos resultados de forma que isso mexesse com as pessoas e as mobilizasse para ir à luta.



Sim, porque também já tínhamos debatido esta questão nas aulas do professor Renato. A gente queria que o resultado da pesquisa, se não pudesse mudar tudo o que estávamos vendo de errado na escola, pelo menos fizesse com que as pessoas se tocassem e pensassem um pouco no assunto. Como disse o Renato, se a gente não podia transformar a realidade com uma pesquisa, que ela servisse, ao menos, como inspiração para que o assunto fosse levado em conta. Puxa, cara, como eu estava torcendo para que tivéssemos um bom resultado!...

Na hora em que começamos a avaliar os resultados da pesquisa deu até arrepio: puxa que trabalho legal a gente conseguiu fazer! A gente ficou passado! E deu gosto de ver como os nossos quatro heróis – Renato, Lígia, Sérgio e Miguel – se envolveram nesta etapa final. Imaginem só: o professor Miguel ajudou na análise dos dados, o Sérgio, na elaboração dos gráficos, o Renato, na elaboração



dos cartazes e de todo o material de apresentação e a dona Lúgia nos orientou na montagem da apresentação dos resultados, que seria realizada na nossa feira cultural. O máximo, não?

Como eu disse, foi o professor Sérgio e o professor Miguel quem se encarregaram de nos orientar sobre a parte final da pesquisa: a análise e interpretação dos resultados. Os dois deram juntos aula sobre este assunto.

— Pessoal, o primeiro passo é o que se chama análise descritiva de informações. Ou seja, a gente destaca o que é mais comum (típico, evidente) e o que é mais diferente (discrepante), entre os dados apresentados. A partir daí, verificamos a validade das hipóteses levantadas inicialmente. Podemos também cruzar o resultado de duas perguntas para obtermos um determinado resultado (por exemplo: sexo, idade e escolaridade), deu pra entender? – quis saber o Sérgio.

Balançamos a cabeça afirmativamente e ele prosseguiu:

— Para isso, usamos o cruzamento de dados em que se via um quadro pra tabular os dados que serão cruzados. Por exemplo, pra verificar se uma opinião favorável a uma questão varia com o sexo. Para evidenciar mais as informações encontradas nas tabulações, pode-se calcular as porcentagens equivalentes aos números encontrados. Tudo bem, tudo bem, não precisam me olhar com esta cara. Eu vou mostrar um exemplo!

**INTERPRETAÇÃO.** Ato ou efeito de interpretar. Explicação, comentário.

Fonte: *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*





E lá se foi o Sérgio mostrar como se faz o tal cruzamento de dados para uma classe totalmente lerda. Mas, como para quem quer nada é impossível, conseguimos acabar aquela aula compreendendo, pelo menos, os princípios básicos da questão. No momento seguinte, entrou o Miguel para explicar como se faz a apresentação de dados com gráficos. E ele ilustrou tudo no quadro:

#### *APRESENTAÇÃO DOS DADOS COM GRÁFICOS:*

*os dados podem ser apresentados em tabelas ou em gráficos, que são instrumentos que facilitam a visualização de relações e tendências. É importante que o desenho dos gráficos seja claro e bem apresentado.*

#### *TIPOS DE GRÁFICO:*

##### *BARRAS:*

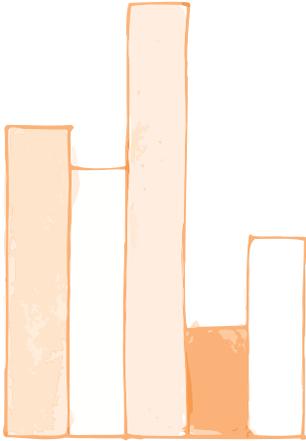
- > facilitam a comparação de dados;*
- > para desenhar manualmente o melhor é usar papéis quadriculados.*

##### *LINHAS:*

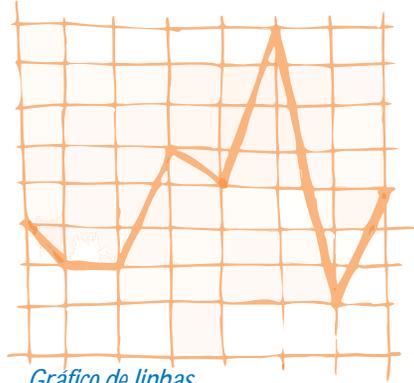
- > mais usados para representar dados numéricos que variam ao longo do tempo;*
- > evidenciam a tendência de uma opinião ao longo do tempo.*

##### *SETORES OU "PIZZA":*

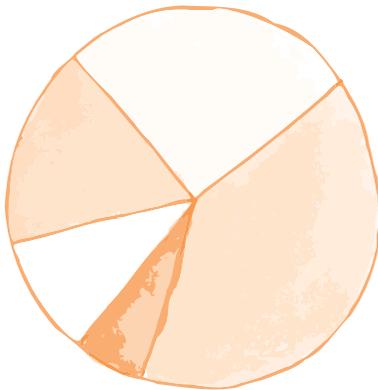
- > permitem a visualização das partes de um todo em termos de porcentagem;*
- > é fácil ver a participação de cada parte no todo.*



*Gráfico de barras*



*Gráfico de linhas*



*Gráfico de setores*





E nas aulas da professora Lígia começamos a entender como deveria ser uma apresentação de pesquisa. Uma coisa importante e que não havíamos pensado antes. Com toda paciência, ela exibiu os cartazes que havia elaborado para nós:

#### *DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS:*

- > *as informações reunidas pela pesquisa são inéditas e merecem ser documentadas e divulgadas;*
- > *os resultados são apresentados na forma de relatórios que trazem:*
  - *a apresentação do tema ou do problema pesquisado;*
  - *a identificação da população estudada, o tipo e o tamanho da amostra, as datas de trabalho de campo;*
  - *tabelas e gráficos com os dados relevantes, acompanhados de explicações e comentários;*
  - *conclusões, interpretações ou sugestões para outros estudos;*
  - *o relatório pode ainda trazer fotos do tema abordado, textos complementares, reproduções de frases dos entrevistados.*

E foi aí que ela falou que havia conseguido, junto com os outros três professores, um espaço só para nós, ao lado da feira, para que fizéssemos uma apresentação para toda a comunidade próxima da escola. Bom, a turma pegou fogo! Cada um queria dar sua sugestão, apresentar uma parte da pesquisa e virou aquela bagunça! Dona Lígia disse que era preciso ter cuidado para que os resultados obtidos nesta pesquisa fossem



apresentados como referentes à esta comunidade escolar. Eles não poderiam ser projetados para todas as escolas, uma vez que a amostra representa apenas esta população. A muito custo ela conseguiu acalmar a turma e sugerir que fosse criada uma comissão de organização da apresentação. Na aula seguinte tudo isso ficaria determinado.

**TENDÊNCIA.** *Inclinação, propensão.*

*Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.*

Gastamos mais duas semanas preparando todo o material e a nossa apresentação aconteceu na tão famosa feira cultural da escola, o último evento do semestre. Convidamos nossos pais, os funcionários da escola, o pessoal da Associação de Moradores, o pessoal da Igreja, todo mundo que havia respondido a nossa pesquisa no bairro. E, é claro, o pessoal do Felipão.

Ah! Deixa eu contar pra vocês: nós fomos à apresentação deles e foi dez! A questão do córrego pegou fogo, todo mundo discutiu – eles fizeram a apresentação naquela sala grande da escola e lotou! – e, no final, foi criada uma comissão para levar o relatório final da pesquisa à Regional da Prefeitura para que as devidas providências fossem tomadas sem demora. Imaginem vocês que até um advogado recém-formado, ex-aluno da escola e agora da Associação de Moradores, tinha redigido um documento cheio daqueles termos jurídicos que ninguém entende e anexado aos documentos. Um luxo! O pessoal está bem esperançoso de que agora a coisa se resolva. Sem falar que





a escola vai comandar uma grande campanha no bairro pela preservação do córrego e conscientização dos moradores do seu papel nessa história toda! É ruim, né? Não dá pra pôr a culpa só no governo, cada um tem que fazer a sua parte. Esta foi, inclusive, uma das grandes conclusões da pesquisa!

Enfim, depois de vermos os resultados do pessoal do Felipão, ficamos mais animados ainda para montar a nossa apresentação. Fizemos uma vaquinha na turma para comprar transparências, *slides* e xerocar para todos os presentes o relatório final da pesquisa. No fim, o material ficou uma beleza! Para nosso total espanto, Lurdinha tinha topado apresentar uma pequena parte dos gráficos, o que nos fez acreditar em milagres! E o Zezão, se não ajudou nesta parte final, não atrapalhou, calou a boca e não criticou nossos resultados finais.

Eu, Jô, Luís, Lurdinha e Tiago topamos o desafio de ficar lá na frente, contando tudo sobre o nosso processo de pesquisa. Durante o evento, algumas vezes peguei minha mãe com os olhos cheios de lágrimas. Acho que nem eu, nem ela acreditávamos que a coisa ficasse tão boa! Eu também estava orgulhosa de mim! Quem não mexia sequer um músculo da cara era a dona Elisabeth, nossa diretora. Estava uma pilha de nervos! Também não era para menos: algumas das conclusões passavam por um modelo de administração considerado antigo, que não levava em conta a possibilidade de parcerias e de uma maior participação da comunidade na tomada de decisões. Eu acho que não foi bolinho para ela escutar tudo isso assim não, ó... Mas a gente tinha combinado de conversar com ela depois, em separado, para explicar como a gente via aquele resultado, para não soar



como crítica pura, para dizer que o que a gente queria mesmo era colaborar e que a gente reconhecia o valor dela, essas coisas. Acho que este encontro ia ser muito bom.

Pensando bem, nós concluímos que pesquisa é um negócio apaixonante: independente do resultado, o gostoso mesmo era todo o processo. A participação das pessoas, a possibilidade de investigar como a gente deseja as coisas que realmente nos interessam, a oportunidade de aprender sobre o que, de fato, queremos saber. E isso tem um peso para todo mundo, cara. Bastava olhar pra cara de dona Elisabeth, fôssemos nós, da oitava série, a dizer aquilo, seria uma história “x”. Agora, duzentas pessoas da comunidade referendando isso, cara, a conversa mudava para “2x”...

A conclusão geral é que tinha mesmo um montão de coisas para mudar na escola. Inclusive começando por nós mesmos, nossa postura como estudantes e cidadãos. Depois dessa pesquisa, tal como o povo do Felipão, não iria dar mais para pôr a culpa nos outros, não. Perguntar e ouvir as respostas tinha nos ensinado muito sobre responsabilidade, trocas, parcerias. Independentemente do que o resultado iria provocar nas pessoas, para nós ele já tinha surtido efeito. A gente iria se formar com uma consciência maior de que somos nós mesmos quem fazemos a nossa história. Sem essa de frase de livro, como essas de que enchi a minha agenda. A gente tinha descoberto que, juntos, podemos muitas coisas que sequer imaginamos...

Bom, só para vocês não acabarem de ler esta história e ficarem mooorrreeendo de curiosidade, eu vou contar no que é que deu a minha paquera com o rapaz do noturno – que,





aliás, se chama Adriano. A gente saiu mais algumas vezes juntos, aqui perto, no cinema do bairro mesmo. E ele nos ajudou muito a montar as transparências e os materiais para a apresentação da pesquisa... Trabalho vem, trabalho vai, fui mesmo me apaixonando por ele. E ele por mim, eu sinto. Acho que a gente tá namorando (às vezes, não dá pra saber direito, né? Vocês me entendem...) ... E tal como a nossa pesquisa, sabe-se lá onde tudo isso vai dar!...





## Sites de Interesse

Pela internet, é possível visitar vários sites que trazem informação relevante sobre a pesquisa. Navegando por eles, é fácil encontrar idéias de pesquisas interessantes para o trabalho pedagógico.

Instituto Paulo Montenegro

[www.ipm.org.br](http://www.ipm.org.br)

É a sede do projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO). Além de apresentar o programa, traz informações sobre os pólos NEPSO no país, uma versão eletrônica do manual de pesquisa, projetos realizados por estudantes desde 2001, informações sobre o Congresso IBOPE-UNESCO, um boletim informativo do Nossa Escola, livro de visitas, gibiteca, biblioteca, áudio e muito mais.





Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

Traz informações sobre censos demográficos, econômicos e agropecuários, PNADS e metodologia de pesquisa. Acesso on-line a resultados de pesquisas e bases de dados.

IBGE Teen

<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/>

Criado especialmente para jovens entre 13 e 19 anos. Traz informações sobre censos demográficos, dúvidas sobre o País, meio ambiente, estatísticas do século XX, entre outros. Acesso on-line a resultados de pesquisa e bases de dados.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais (INEP)

[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

Realiza os censos educacionais em conjunto com as secretarias estaduais de educação e vários outros estudos sobre condições físicas das escolas, salário de professores, grau de formação de professores, avaliação de cursos universitários. No site, o internauta pode ter acesso à base de dados conhecida como Perfil Municipal da Educação, com informações detalhadas para os cerca de 5 mil municípios brasileiros, bem como informações sobre provões, legislação educacional, administração escolar, entre outros.



Fundação Estadual Sistema de Análise de Dados  
(SEADE)

[www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)

Possibilita a consulta a inúmeras informações estatísticas sobre assuntos e temas ligados à saúde, educação, demografia, movimento eleitoral, finanças públicas, posições geográficas para todos os municípios paulistas.

Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro  
(CIDE)

[www.cide.rj.gov.br](http://www.cide.rj.gov.br)

Provedor oficial de dados sociodemográficos, econômicos, geográficos, indicadores, bases cartográficas digitais, por meio de produtos e serviços que retratam a realidade do Estado do Rio de Janeiro.

Instituto Brasileiro de Opinião Pública (IBOPE)

[www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br)

Realiza pesquisas de opinião, de mercado, eleitorais e de mídia com ampla divulgação na imprensa. No site é possível ter acesso aos tipos de pesquisa desenvolvidos pela empresa, principais resultados e metodologias utilizadas.





Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado (SBPM)

[www.sbpm.org.br](http://www.sbpm.org.br)

Entidade que representa os pesquisadores de mercado. Edita quadrimestralmente a *Revista SBPM* com assuntos ligados a técnicas de pesquisa, *marketing*, opinião de consultores e livros. No site é possível ter acesso a uma lista de pesquisadores e de empresas cadastradas, dicas e resenhas, e conhecer as principais novidades na área de pesquisa.

Observatório Jovem

[www.uff.br/obsjovem](http://www.uff.br/obsjovem)

O Observatório Jovem do Rio de Janeiro é um projeto da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), que procura articular ações de pesquisa e extensão, acompanhando políticas públicas e ações sociais relacionadas com a juventude especialmente no Estado do Rio de Janeiro.

Observatório da Educação e da Juventude

[www.controlesocial.org.br](http://www.controlesocial.org.br)

Programa da ONG Ação Educativa destinado a fortalecer o controle social das políticas públicas das áreas da educação e da juventude, o Observatório disponibiliza em seu site informações atualizadas sobre temas conjunturais das duas áreas, além dos



resultados do acompanhamento sistemático que realiza sobre questões relevantes para as políticas desses dois campos. Também oferece um apanhado das notícias sobre políticas de educação e de juventude publicadas nos principais veículos de imprensa do país e uma agenda de eventos. Ainda permite o acesso ao conteúdo das publicações impressas produzidas pelo Observatório.







## Depoimentos sobre a Experiência de Fazer Pesquisa de Opinião

Projeto Centros de Ações Juvenis

Ermelino Matarazzo

Juliana Breschigliari

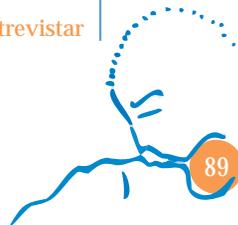
Fazer pesquisa de opinião é bem informativo, bem relacionado com o nosso cotidiano. É uma coisa que abre um espaço para o jovem expressar o que pensa sobre os assuntos e melhorar sua própria opinião.

Michel Alves Sobral, 21 anos

Para mim, fazer pesquisa de opinião foi muito interessante porque fiquei sabendo o que a população acha mais importante na vida de um cidadão, que era o tema da pesquisa. O que eu não gostei foi de descobrir que nem todas as pessoas têm conhecimento de seus direitos.

Valdinéia Santos Barbosa, 18 anos

É sempre bom saber a opinião de outras pessoas, com idades diferentes, pensamentos diferentes... Sempre que respondiam nossas perguntas, as pessoas argumentavam e aparecia no rosto delas uma certa empolgação. É muito interessante entrevistar





as pessoas, elas se empolgam em responder e nós nos empolgamos mais ainda em perguntar!

**Gislaine Rodrigues Bitencourt, 18 anos**

Para mim, fazer pesquisa de opinião foi interessante porque eu pude ouvir e conhecer o que as pessoas pensam. O que eu achei mais legal dessa experiência foi elaborar o questionário, tabular as respostas e conhecer novas pessoas. O mais desagradável foi o resultado da pesquisa, que apontou que as pessoas não conhecem seus direitos de cidadão e o mais difícil foi aceitar a rejeição de algumas pessoas que não quiseram dar entrevista.

**Daiane de Jesus Silva, 19 anos**

Para mim, fazer pesquisa de opinião foi diferente porque eu tive que conversar com gente que eu nunca tinha visto, mas foi uma boa experiência. O que eu achei mais legal foi o entusiasmo dos entrevistados e o mais chato foi ter ficado com um pouco de vergonha nas entrevistas. O interessante foi que eu me senti importante, como se fosse um repórter!

**Suelem Damião dos Santos, 17 anos**

Para mim, fazer pesquisa de opinião foi uma coisa diferente porque eu fiquei um pouco nervosa, mas aos poucos fui me acostumando... O que eu achei



legal foi saber um pouco mais das pessoas e o mais chato foram as pessoas que não quiseram participar da pesquisa.

Viviane Macedo Caraça, 21 anos

Eu achei que fazer pesquisa de opinião foi muito legal, porque eu acabei com a minha timidez... Quer dizer, não totalmente, mas já foi uma coisa para quem era muito tímida! O chato foi que um garoto que eu entrevistei pediu meu telefone e o mais chato ainda é que eu não pude dar o meu número pra ele porque já tinha namorado!

Maria Elaine Soares Neri, 18 anos





# NOSSA ESCOLA PESQUISA SUA OPINIÃO